

ISSN (impresso) 0103-5657

ISSN (on-line) 2178-7875

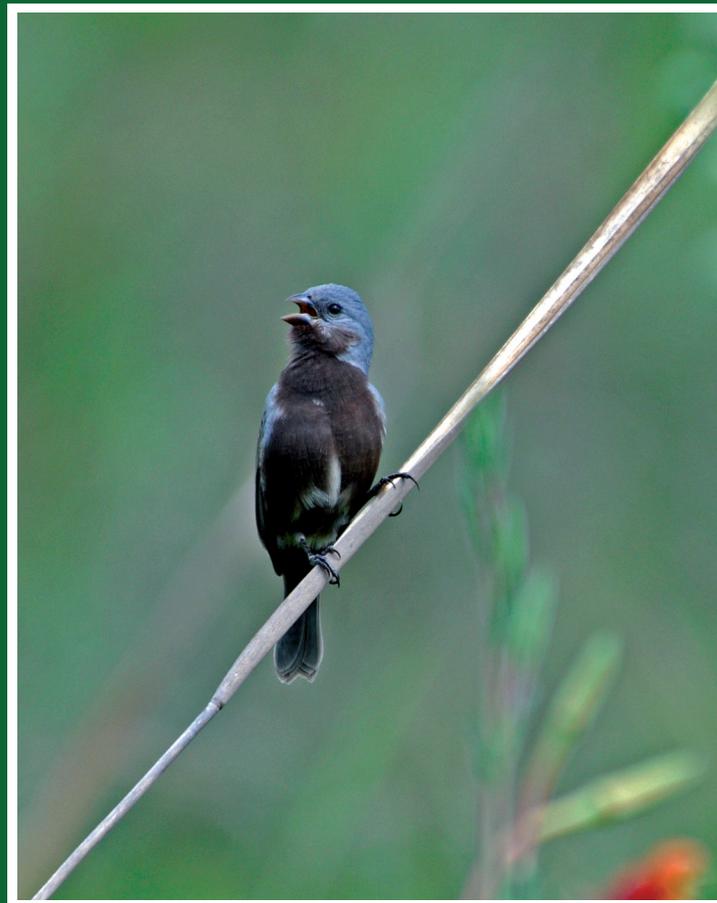
Revista Brasileira de Ornitologia

Volume 18

Número 4

Dezembro 2010

www.ararajuba.org.br/sbo/ararajuba/revbrasorn



Publicada pela

Sociedade Brasileira de Ornitologia

São Paulo - SP

Distribuição e biologia de aves nos campos de altitude do sul do Planalto Meridional Brasileiro

Márcio Repenning^{1,2}; Cristiano Eidt Rovedder¹ e Carla Suertegaray Fontana¹

¹ Setor de Ornitologia. Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-graduação em Zoologia, PUCRS. Avenida Ipiranga, 6.681, CEP 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil.

² E-mail: mrepenning@gmail.com.

Recebido em 24/09/2009. Aceito em 04/06/2010.

ABSTRACT: Distribution and biology of birds in upper grasslands of southern Planalto Meridional Brasileiro. We present new data on the distribution and field biology of birds of open grasslands from the south Planalto Meridional Brasileiro, northeast Rio Grande do Sul and southeast Santa Catarina States. Based on information gathered during systematic field work conducted from October 2005 until March 2009, we present data that fill gaps in the current knowledge on the regional distribution of 50 grassland bird species. Among those, some are rare and of conservation concern, or poorly known species, such as *Scytalopus iraiensis*, *Gallinago undulata* and *Polystictus pectoralis*, or species considered common and conspicuous in most part of their distribution such as *Plegadis chibi*, *Ciconia maguari* e *Phacellodomus striaticollis*. Beyond the revision of the distribution range of poorly known species, we add information on breeding, habitat requirements, behavior and status of occurrence of some species in a regional scale. Additionally we discuss aspects related with the recent colonization and/or subsample of some species never mentioned to the portion studied of the Plateau.

KEY-WORDS: *Planalto das Araucárias*, threatened grassland birds, natural history, Rio Grande do Sul, Santa Catarina.

RESUMO: Apresentamos informações inéditas sobre a distribuição e biologia básica de aves típicas de ambientes abertos que ocorrem no sul do Planalto Meridional Brasileiro, nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina. A partir de dados obtidos em trabalhos de campo realizados de forma sistemática de outubro de 2005 até março de 2009, apresentamos informações que preenchem lacunas no conhecimento sobre a distribuição regional de 50 espécies campestres. Entre estas figuram espécies raras, inconspícuas, ameaçadas ou pouco conhecidas como *Scytalopus iraiensis*, *Gallinago undulata* e *Polystictus pectoralis*, bem como aquelas consideradas comuns e conspícuas em parte de sua distribuição como *Plegadis chibi*, *Ciconia maguari* e *Phacellodomus striaticollis*. Além da revisão da distribuição de espécies pouco conhecidas, aportamos informações sobre reprodução, necessidade de habitat, comportamento, status de ocorrência e de conservação de algumas espécies numa escala local. Discutimos ainda aspectos relativos a colonizações recentes e/ou subamostragem de algumas espécies nunca anotadas para esta porção do Planalto Meridional.

PALAVRAS-CHAVE: Planalto das Araucárias, espécies ameaçadas, história natural, Rio Grande do Sul, Santa Catarina.

No Brasil a demanda caótica por recursos naturais, aliada à expansão urbana desordenada, torna cada vez mais urgente ações planejadas para a conservação da biodiversidade (Bege e Marterer 1991). Este planejamento, dentre outros aspectos, ainda depende muito de informações elementares referentes à distribuição e biologia básica dos táxons, sobretudo em escala regional (Fontana *et al.* 2003, Straube *et al.* 2004, IUCN 2008, Machado *et al.* 2008).

Os estados do Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC) contam com estudos detalhados sobre sua avifauna (Belton 1994, Rosário 1996). Contudo esses estudos são um tanto antigos e carecem de complementação. A publicação regular de novos registros ou de expansão na distribuição de diversas espécies de aves a partir destas obras pioneiras exemplifica este aspecto (*e.g.* Mauricio

e Dias 1996, 1998, Bornschein *et al.* 1997, Naka *et al.* 2000, Bencke 2001, Pacheco e Fonseca 2002, Barnett *et al.* 2004, Joenck 2006, Mendonça-Lima *et al.* 2006, Repenning e Fontana 2008, Rupp *et al.* 2008a,b).

De uma maneira geral os estudos mais recentes têm aportado volume maior de informações sobre as espécies florestais do que sobre espécies campestres da porção do Planalto correspondente ao nordeste do RS e sudeste de SC (*veja* Fontana *et al.* 2008). Estudos atuais decorrentes de inventários breves revelam que não somente algumas aves campestres raras ou inconspícuas, mas também aquelas consideradas comuns, continuam sendo subamostradas nessa região (Azevedo 2006, Ghizoni-Jr. e Azevedo 2010).

Neste trabalho apresentamos novas informações sobre distribuição e novos registros de espécies de aves para

a região dos campos de altitude do extremo sul do Brasil. Apresentamos dados sobre a biologia básica, como necessidades de habitat, reprodução e status de ocorrência de aves pouco conhecidas no âmbito regional. Além de contribuir para o conhecimento acerca da biodiversidade local, informações que aportam dados atuais e detalhados sobre a ornitofauna e seus ambientes poderão subsidiar avaliações ou atualizações sistemáticas sobre a situação de ameaça dos táxons, além de atender uma demanda crescente por informações básicas e fidedignas sobre a avifauna do RS e SC, servindo para embasar, entre outros aspectos, estudos de impacto ambiental.

MATERIAL E MÉTODOS

Os estudos foram conduzidos nos campos de altitude da região sul do Planalto Meridional Brasileiro, mais precisamente no nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina. Esta região, também conhecida como Planalto Serrano em SC e por Campos de Cima da Serra no RS (CCS – como será tratada ao longo deste trabalho), é característica pelas formações de campos ondulados nas porções mais elevadas, em geral acima dos 800 m s.n.m., entremeados por áreas úmidas (banhados) e esparsas manchas naturais de florestas com araucária (*Araucaria angustifolia*) de variados tamanhos. Ocorrem nos grandes vales os maciços ou corredores florestais, bem como encraves de campos rochosos e predominantemente arbustivos.

De outubro de 2005 a março de 2009 realizamos inventários de campo, principalmente durante a primavera e o verão, sempre focando a procura daquelas aves especializadas em campos naturais, sobretudo os papa-capins do gênero *Sporophila*. A seleção das áreas amostradas se deu diretamente durante as visitas a campo, observando-se a estrutura da vegetação tipicamente campestre e o estado de conservação das mesmas. A caracterização das áreas foi focada qualitativamente em quatro itens principais: (1) condição de terreno (seco, encharcado ou com afloramentos rochosos); (2) relevo plano ou íngreme (definido numa escala maior: vales de rios ou serras) e ou acidentado (definido numa escala menor: morros, coxilhas, pequenas colinas); (3) densidade da vegetação (densa ou esparsa) e porte da vegetação (alta, média, baixa); e (4) quanto ao predomínio de plantas específicas ou de algum tipo de formação vegetal.

Para cada registro de uma determinada espécie tomamos os dados de coordenadas geográficas através de Global Position System (GPS), Datum WGS 84. As coordenadas de cada ponto foram armazenadas em planilhas do *Microsoft Access* associadas às informações qualitativas e outras anotadas durante as amostragens em campo. Estas são apresentadas em tabelas e organizadas da menor para a maior latitude, separadamente para cada Estado. Cada ponto foi transferido ao programa *Google Earth* – versão

5.0 – para gerar um mapa de distribuição espacial das amostras (Figura 1). Não foi estabelecida uma distância mínima entre cada ponto registrado, possibilitando que dois pontos, mesmo próximos (*c.* 1 km), pudessem ser considerados de forma independente caso apresentassem algum elemento singular da sua ornitofauna ou no tipo de ambiente (*e.g.* estarem em diferentes altitudes ou fisionomias).

Para cada registro (coordenada geográfica), quando possível, foram observados o número de indivíduos, sexo, idade, entre outros aspectos relevantes da história natural (*e.g.* comportamento, dieta, reprodução), além das características gerais do habitat conforme mencionado acima.

Para cada espécie são apresentados seus pontos de ocorrência divididos por estado – Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS). Cada ponto é seguido pelo número de indivíduos e informações adicionais abreviadas entre parênteses referentes às condições dos espécimes registrados, a saber: idade (ninhego = n, jovem = j, adulto = a), pareamento/casal (par), sexo (macho = m, fêmea = f), colônia reprodutiva (cr) e espécimes que não puderam ser contados = nc. A documentação das espécies ocorreu das seguintes formas: fotográfica (F), gravação de voz (G), gravação audiovisual (V), coleta de espécime testemunho (P) (licença SISBIO 331-4) e coleta do ninho (N). Os documentos originais de fotografias pertencem ao arquivo pessoal de MR e CER e os de áudio, vídeo e espécimes testemunhos ou ninhos coletados encontram-se depositados no Acervo Científico do Setor de Ornitologia do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica (MCT-PUCRS). Apresentamos os tipos de documentação imediatamente após a discriminação dos pontos registrados para cada espécie. O status de ocorrência, quando sugerido, foi fundamentado exclusivamente nas informações apresentadas neste estudo e foram avaliados em uma escala estritamente regional. A nomenclatura e ordem taxonômica das aves seguem o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2009) e a nomenclatura dos táxons vegetais segue Trópicos (2009). O critério para inclusão das espécies discriminadas a seguir foi atribuído basicamente na escassez ou total falta de informações sobre as mesmas na região de estudos com base nos mapas de distribuição apresentados em Belton (1994) e Rosário (1996), e compilação de informações posteriores.

Dois termos referentes a unidades fisiográficas locais, utilizados repetidas vezes no decorrer deste texto, merecem uma breve definição: Coxilha Grande e Coxilha Rica. O primeiro refere-se a uma faixa contínua de campos ondulados, núcleo divisor das águas (nascentes) dos rios das Antas e Pelotas com limite leste no talude da Serra Geral (os Aparados) e que se estende para oeste até o “Mato Castelhanos” (Oliveira 1959). Esses campos também foram denominados “Coxilha de Bom Jesus” por

Bencke *et al.* (2006). O segundo termo refere-se ao vasto núcleo de campos ondulados que se situam ao sul da cidade de Lages até as serras do vale do rio Pelotas com limite leste no rio Lava-Tudo e oeste, virtualmente, na altura da BR-116. Parte destes campos pertence ao município de Capão Alto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 108 pontos geográficos nos quais foram atribuídos os registros das 50 espécies, adicionados das descrições do habitat, são apresentados nas Tabelas 1 e 2 e a distribuição espacial dos mesmos na Figura 1. A seguir são apresentadas informações referentes às espécies relacionadas. Tais informações complementam a lista das aves apresentada em Fontana *et al.* (2008).

Rhea americana

RS: 4 (9), 23 (1m5f). Documentação F. Rara na região, conta com registros apenas para uma área restrita dos campos de Vacaria e Esmeralda. No ponto 4 um grupo com nove indivíduos aparentemente adultos forrageava em fragmentos de campos entre cultivos de soja. Um fazendeiro comunicou que havia um ninho desta espécie em sua propriedade (ponto 23) em terrenos na cota dos 900 m s.n.m. Belton (1994) menciona a altitude máxima de sua ocorrência próximo dos 800 m s.n.m. e Bencke *et al.* (2006) mencionaram sua ocorrência aparentemente para localidade muito próxima. Perdura a dúvida de por que *R. americana* não habita atualmente as porções mais elevadas da Coxilha Grande nos CCS, uma vez que não há barreira geográfica aparente. A menção desta espécie para

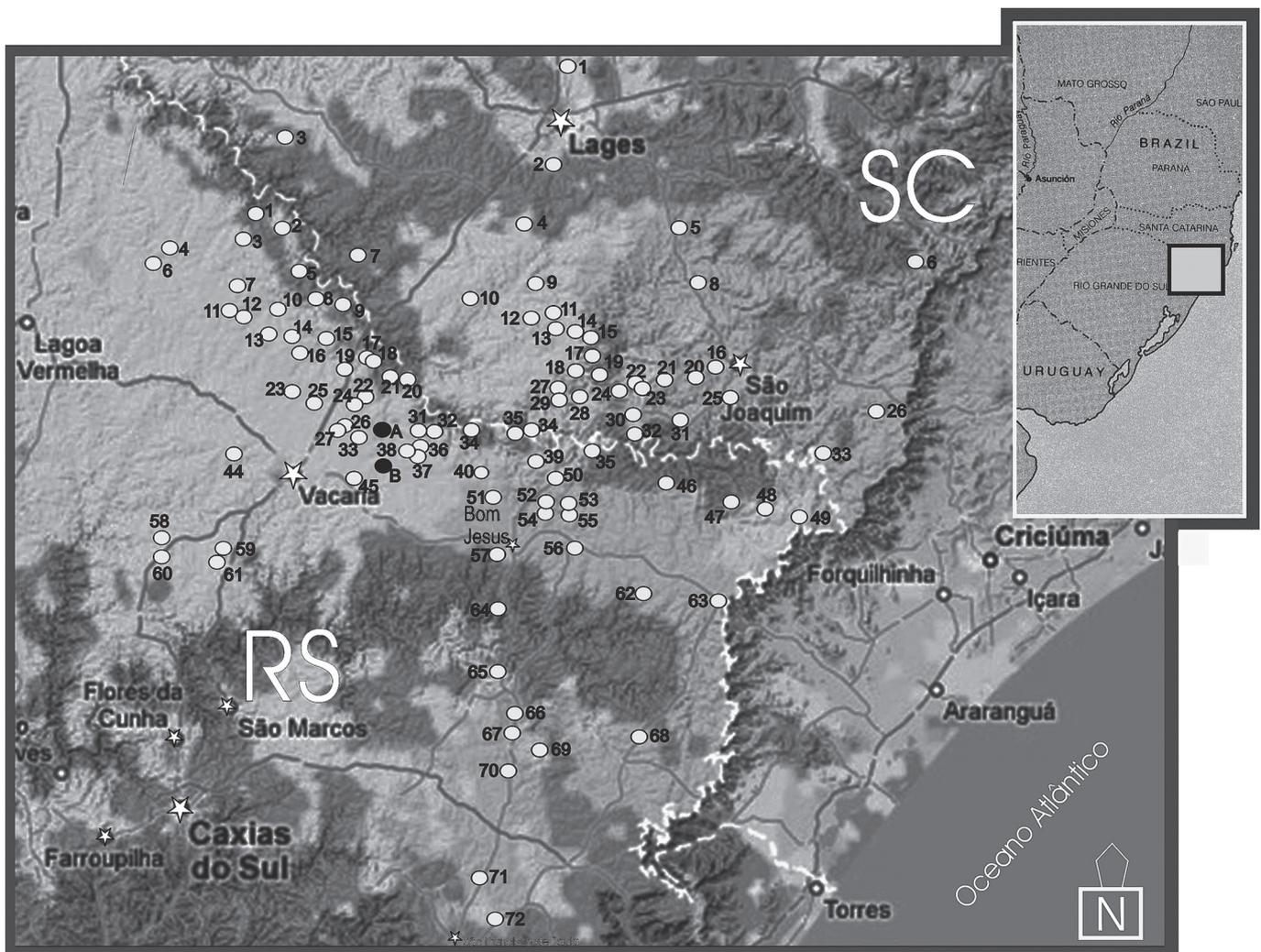


FIGURA 1: Distribuição espacial dos pontos associados aos registros de aves na região dos Campos de Cima da Serra, no nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, compreendendo o período entre outubro de 2005 e março de 2009. Os pontos pretos A e B equivalem respectivamente a agregações de pontos (28, 29, 30) e (41, 42, 43) descritos nas Tabelas 1 e 2. Estrelas representam a localização das cidades.

FIGURE 1: Distribution of the data associated with records of birds in the region of Campos de Cima da Serra, in the northeast Rio Grande do Sul and southeast Santa Catarina States, including the period between October 2005 and March 2009. The black spots A and B respectively correspond to a set of points (28, 29, 30) and points (41, 42, 43) described in Tables 1 and 2. Stars represent cities location.

TABELA 1: Descrição dos pontos estudados no Planalto Meridional do sudeste de Santa Catarina (SC).
TABLE 1: Description of the studied points in Planalto Meridional of southeast Santa Catarina State (SC).

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
1	916	27°40'S 50°19'W	Fazenda Paraíso	Lages	18.X.2005	Terreno plano. Campo seco de porte baixo. Arvores junto a córregos e próximo a um fragmento alterado de floresta com arauárias. Atividade: Pecuária extensiva.
2	1135	27°59'S 50°16'W	Cajuru	Lages	18.X.2006	Terreno plano. Campo seco de porte baixo a médio. Banhados de grandes extensões entre pequenos morros. Relevo pouco acidentado. Atividade: Pecuária extensiva.
3	907	27°53'51.8"S 50°52'26.0"W	Assentamento MAB	Cerro Negro	27.XI.2006	Terreno plano. Campo úmido (capinzal) denso e alto. Banhado fragmentado com muito <i>Eryngium</i> sp. e fragmentos de campo seco de porte baixo. Atividade: Pecuária extensiva.
4	1137	28°02'00.76"S 50°24'51.00"W	Acesso a São Jorge	Capão Alto/Lages	25.XI.2005	Terreno plano pouco acidentado. Campo seco de porte baixo. Sistema de banhados nas baixadas com predomínio de <i>Eryngium</i> sp. Atividade: Pecuária extensiva.
5	1181	28°04'S 50°05'W	Próximo a Ponte do rio Lava-Tudo	Painel	18.X.2005 e 17.XI.2008	Terreno plano. Campo seco de porte baixo a médio destinado a pecuária extensiva. Banhado pequeno com <i>Eryngium</i> sp. esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
6	1727	28°09'S 49°37'W	Morro do Baú	Urubici	14.X.2005	Terreno plano. Relevo suave: Campo de porte ralo com afloramentos rochosos. Banhados pequenos com <i>Sphagnum</i> sp. e herbáceas de porte baixo. Atividade: Pecuária extensiva.
7	914	28°10'S 50°00'W	Fazenda Florestal Gateados	Campo Belo do Sul	26 e 27.XI.2006	Terreno plano pouco acidentado. Amplo sistema de banhados com formações de <i>Sphagnum</i> sp. e capinzais muito densos e altos. Campos substituídos pelo plantio comercial de pinus.
8	1215	28°05'S 50°48'W	Fazenda Lagoinhas	São Joaquim	17.X.2005	Terreno plano. Campo seco de porte baixo. Banhado pequeno com <i>Eryngium</i> sp. esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
9	1214	28°11'S 50°17'W	Morrinhos	Lages	19.X.2005	Terreno plano, acidentado. Campo seco de porte baixo com muitos afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
10	953	28°11'S 50°30'W	Viaduro do Tateto	Lages	19.X.2005 e 17.XI.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo a médio. Sistema de banhados extensos. Atividade: Pecuária extensiva.
11	1082	28°14'S 50°18'W	Coxilha Rica, Fazenda Santa Maria	Lages	16.III.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo a médio. Sistema de banhados extensos. Açuete artificial próximo a sede da fazenda. Atividade: Pecuária extensiva.
12	1069	28°15'S 50°18'W	Coxilha Rica, Fazenda Santa Maria	Lages	17.III.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo a médio. Sistema de banhados extensos. Atividade: Pecuária extensiva.
13	1066	28°16'S 50°19'W	Coxilha Rica, Fazenda Santa Maria	Lages	17.III.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo a médio. Sistema de banhados extensos. Atividade: Pecuária extensiva.
14	1028	28°16'S 50°17'W	Coxilha Rica	Lages	18.III.2009	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco de porte médio com arbustos esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
15	1088	28°17'S 50°17'W	Coxilha Rica	Lages	18.III.2009	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco de porte médio a alto com arbustos esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
16	1323	28°17'36"S 49°57'43"W	Chapada Bonita	São Joaquim	30.XI.2006 e 15.XII.2007	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos. Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
17	870	28°17'54"S 50°15'37"W	Coxilha Rica	Lages	XI.2007 a III.2008 e XI.2008 a III.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com manchas densas de arbustos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
18	835	28°18'34"S 50°16'39"W	Coxilha Rica	Lages	11 a 14.I.2007, XI.2007 a III.2008 e XI.2008 a III.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco (capinzal) e arbustos esparsos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Banhados muito pequenos e córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
19	850	28°18'50"S 50°15'24"W	Estância do Meio	São Joaquim	18.XII.2005, 11 a 14.I.2007, XI.2007 a III.2008 e XI.2008 a III.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com manchas densas de arbustos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
20	1252	28°19'33"S 50°01'15"W	Estrada de acesso a Estrância do Meio	São Joaquim	30.XI.2006 e 20.I.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos. Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
21	1187	28°19'00"S 50°07'23"W	Estrada de acesso a Estrância do Meio	São Joaquim	30.XI.2006 e 20.I.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos. Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
22	935	28°18'28"S 50°11'43"W	Antoninha	São Joaquim	18.XII.2005	Terreno íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com manchas de arbustos – <i>Myrica bombicina</i> – de porte médio a alto. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
23	1102	28°19'17"S 50°11'19"W	Estrância do Meio	São Joaquim	30.XI.2006 e 20.I.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo a baixo com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos. Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
24	1101	28°19'32"S 50°12'21"W	Estrância do Meio	São Joaquim	30.XI.2006 e 20.I.2008	Terreno plano. Relevo muito acidentado. Campo seco baixo a médio com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos. Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
25	1301	28°22'00"S 49°58'60"W	Acesso a São Sebastião do Arvoredo	São Joaquim	15.X.2005 e 28.XI.2006	Terreno plano. Relevo muito acidentado. Campo seco baixo a médio com <i>Baccharis</i> sp. esparsos e afloramentos rochosos Banhado pequeno entre morros. Atividade: Pecuária extensiva.
26	1394	28°26'S 49°39'W	Acesso a Silveira	Bom Jardim da Serra	14.X.2005	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco de porte ralo a baixo com arbustos esparsos de porte médio e afloramentos rochosos. Vestígio recente de fogo. Atividade: Pecuária extensiva.
27	808	28°20'47"S 50°16'33"W	São João do Pelotas e Coxilha Rica	Lages São Joaquim	01 e 02.XII.2006	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com manchas densas de arbustos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
28	905	28°21'15"S 50°13'28"W	Manduri	São Joaquim	14 a 16.XII.2007	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos esparsos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
29	1008	28°21'47"S 50°16'08"W	Brusca	São Joaquim	23.II.2008	Terreno plano. Relevo muito acidentado. Campo seco no topo de morro. Pequeno córrego e solo exposto por erosão. Banhado pequeno vegetação parcialmente queimada. Atividade: Pecuária extensiva.
30	1070	28°22'60"S 50°05'60"W	São Sebastião do Arvoredo	São Joaquim	28.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Fragmentos de campo seco baixo a médio com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Banhados pequenos entre morros. Atividade: Pecuária extensiva e pomares.
31	1214	28°24'06,6"S 50°03'51,0"W	São Sebastião do Arvoredo	São Joaquim	15.X.2005 e 28.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Fragmentos de campo seco baixo a médio com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Banhados pequenos entre morros. Atividade: Pecuária extensiva e pomares próximos.
32	1143	28°25'14"S 50°08'48"W	São Sebastião do Arvoredo	São Joaquim	28.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Fragmentos de campo seco baixo a médio com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Banhados pequenos entre morros. Atividade: Pecuária extensiva e pomares.
33	1334	28°29'S 49°42'W	Várzea	Bom Jardim da Serra	29.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave: Campo de porte baixo com afloramentos rochosos. Banhados pequenos com <i>Sphagnum</i> sp. e herbáceas de porte baixo. Evidências de queimadas no local. Atividade: Pecuária extensiva.
34	912	28°23'21"S 50°23'16"W	São João do Pelotas baixo rio Lava-Tudo	São Joaquim	02.XII.2006	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos esparsos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
35	795	28°25'26"S 50°24'43"W	São João do Pelotas junto a foz do rio Lava-Tudo	São Joaquim	03.XII.2006	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos esparsos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.
36	804	28°26'32"S 50°17'41"W	São João do Pelotas	São Joaquim	01.III.2008 e 06.II.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos esparsos de porte médio a alto e com afloramentos rochosos. Presença de pequenos córregos. Atividade: Pecuária extensiva.

TABELA 2: Descrição dos pontos estudados no Planalto Meridional do nordeste do Rio Grande do Sul (RS).
TABLE 2: Description of the studied points in Planalto Meridional of northeastern Rio Grande do Sul State (RS).

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
1	865	28°00'19"S 51°02'04"W	Guabiju	Esmeralda	24.XI.2006	Terreno íngreme. Relevo acidentado. Campo seco e com arbustos de porte médio a alto esparsos e com afloramentos rochosos. Pequeno córrego. Atividade: Pecuária extensiva.
2	830	28°03'02.9"S 50°56'58.0"W	Capela Santa Teresinha	Vacaria	23.XI.2006	Terreno íngreme. Relevo acidentado. Campo seco e com arbustos de porte médio a alto esparsos parcialmente queimados. Vertentes no campo. Atividade: Pecuária extensiva.
3	930	28°04'13.53"S 51°04'56.00"W	Nascentes do rio do Frade	Vacaria	23.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo. Campo úmido e banhado extenso com densos e altos capinzais. Atividade: Monocultura de olerícolas e um pouco de pecuária extensiva.
4	904	28°03'48"S 51°13'37"W		Esmeralda	23.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco fragmentado. Atividade: monocultura de soja e plantio de pinus.
5	820	28°08'12"S 50°54'11"W	Capela do Caravaggio, São Pedro	Vacaria	20.XII.2005, verão de 2006-07 e 02.XI.2008 a 15.I.2009	Terreno íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos de porte médio a alto esparsos. Vertentes e pequenos córregos no campo. Atividade: Pecuária extensiva.
6	824	28°04'21"S 51°15'48"W	Capão Bonito	Esmeralda	23.II.2009	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco de porte baixo com afloramentos rochosos. Banhado estreito com densos e altos capinzais e arbustos esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
7	954	28°08'53"S 51°04'29"W		Esmeralda	23.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo, úmido médio a alto. Sistema de banhados com densos e altos capinzais com <i>Sphagnum</i> sp. Atividade: 50% com plantio de milho e 50% com pecuária extensiva.
8	841	28°11'05.5"S 50°53'18.0"W	Capitulina, São Pedro	Vacaria	5 a 07.XI.2008 15 a 17.I.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos (<i>Baccharis</i> sp.) de porte médio a alto e afloramentos rochosos. Córregos e um pequeno arroio. Atividade: Pecuária extensiva.
9	922	28°11'31.0"S 50°50'03.7"W	Itacolomi	Vacaria	23.XII.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo fragmentado seco de porte médio. Banhado estreito com densos e altos capinzais, junto a capão de mata. Atividade: Pecuária extensiva e cultivos de milho.
10	973	28°12'00"S 50°55'30"W	São Pedro	Vacaria	18.XII.2005, 03.XI.2008	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco porte baixo e úmido portes médio a alto. Arroio pequeno cruzando a área. Atividade: Pecuária extensiva e cultivos de milho.
11	899	28°12'00.9"S 51°00'41.5"W	Capão Alto	Vacaria	23.II.2009	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco de porte baixo a médio e com afloramentos rochosos. Banhado com densos e altos capinzais. Nascentes do rio Leão. Atividade: Pecuária extensiva.
12	916	28°12'52"S 50°58'51"W	Capão Alto	Vacaria	23.II.2009	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco de porte baixo a médio e com afloramentos rochosos e arbustos esparsos banhado, com densos e altos capinzais. Nascentes do rio Leão. Atividade: Pecuária extensiva.
13	934	28°12'56.63"S 50°58'10.47"W	Capão Alto, Passo dos Cabos	Vacaria	23.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco e fragmentado de porte baixo a médio. Banhado grande com densos e altos capinzais. Atividade: Pecuária extensiva e monoculturas de milho ou trigo.
14	950	28°13'04.6"S 50°56'16.0"W	São Pedro	Vacaria	03.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo a médio e com afloramentos rochosos. Banhado com densos e altos capinzais a margem de arroio de campo. Atividade: Pecuária extensiva.
15	975	28°13'20.0"S 50°52'08.3"W	Itacolomi	Vacaria	23.XII.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo fragmentado seco de porte médio. Banhado com densos e altos capinzais, junto a capão de mata. Atividade: Pecuária extensiva e cultivos de milho.

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
16	871	28°17'59.00"S 50°54'51.97"W	Acesso para São Pedro	Vacaria	04.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo e com afloramentos rochosos. Sistema de banhados com densos e altos capinzais. Atividade: Pequenas lavouras e um açude artificial.
17	760	28°18'09.68"S 50°44'07.04"W	Parque Estadual Ibitirí	Vacaria	23.XI.2006	Terreno íngreme. Relevo muito acidentado. Fragmento pequeno de campo seco com capinzal alto e arbustos esparsos. Atividade: plantação de pinus de cerca de 2 anos.
18	766	28°19'24"S 50°44'12"W	Antiga Estação Férrea, Capão Alto	Bom Jesus	10.XI e 22 a 24.XII.2006	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco e com arbustos (<i>Baccharis</i> sp.) de porte médio a alto e afloramentos rochosos. Córregos em meio ao campo. Pequeno banhado e açude artificial numa parte aplainada da área. Atividade: Pecuária extensiva.
19	962	28°18'48.77"S 50°48'03.42"W	Beira da BR-116	Vacaria	18.XI.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco de porte baixo muito fragmentado e com afloramentos rochosos. Atividade: Lavouras e pecuária extensiva.
20	763	28°20'42"S 50°39'07"W	Rincão Seco	Bom Jesus	07.IX.2006	Terreno muito íngreme. Relevo acidentado. Campo seco e com arbustos de porte médio e afloramentos rochosos na calha do rio Pelotas. Atividade: Pecuária extensiva.
21	825	28°19'43"S 50°43'20"W	Túneis da Estrada de Ferro	Vacaria	10. XI e 22 a 24.XII.2006	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com capinzal de porte médio a alto com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Vertentes nos topos de morros formam capinzais úmidos. Atividade: Pecuária extensiva e plantio muito recente de pinus.
22	880	28°21'05.50"S 50°46'37.39"W	Estrada de Ferro	Vacaria	12.II.2009	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Fragmentos de campo seco de porte médio com gramíneas com muitas sementes junto a ferrovia. Banhado com capinzal alto. Lavouras; pecuária extensiva.
23	905	28°20'00.30"S 50°55'11.59"W	Oeste do rio Socorro	Vacaria	04 e 05.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte médio fragmentado. Sistema de banhados com densas formações de ciperáceas de porte alto. Atividade: Lavouras de aveia e alho e pecuária extensiva.
24	894	28°21'50.77"S 50°47'10.35"W	Estrada de Ferro, Fazenda Socorro	Vacaria	12.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo, touceiras de gramíneas com muitas sementes. Banhado com denso e alto capinzal e formações de ciperáceas de porte alto. Atividade: Monoculturas de olerícolas.
25	902	28°21'54.23"S 50°53'25.17"W	Leste do rio Socorro	Vacaria	01 a 03.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo úmido fragmentado de porte médio as margens de banhados com densos capinzais e arbustos esparsos e <i>Sphagnum</i> sp. Açude artificial grande em uma das drenagens naturais. Atividade: Monoculturas de milho e pomares de maçã.
26	912	28°22'20"S 50°47'45"W	Estrada de Ferro, Fazenda Socorro	Vacaria	12.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo e com afloramentos rochosos, touceiras de gramíneas com muitas sementes. Banhado com denso e alto capinzal e formações de ciperáceas de porte alto. Atividade: Monoculturas de olerícolas e pecuária extensiva.
27	923	28°22'24"S 50°48'15"W	Estrada de Ferro, Fazenda Socorro	Vacaria	12.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco de porte baixo e afloramentos rochosos, touceiras de gramíneas com muitas sementes ao longo da ferrovia. Banhado com denso e alto capinzal junto a um córrego. Atividade: Monoculturas de olerícolas e pecuária extensiva.
28	908	28°22'27"S 50°45'30"W	Arroio Pessegueiro	Vacaria	17 e 18.XII.2006	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Mosaico de campos secos e úmidos de porte baixo à alto e banhados capinzal alto e denso hora com manchas de arbustos. Em ampla depressão do rio Pessegueiro. Atividade: Pecuária extensiva.
29	928	28°22'27.71"S 50°46'11.19"W	Acesso para o arroio Pessegueiro	Vacaria	18.II.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco ralo a baixo. Banhado estreito com denso e alto capinzal entre morros com afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
30	923	28°22'56.00"S 50°45'11.78"W	Arroio Pessegueiro	Vacaria	18.II.2006	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Mosaico de campos secos e úmidos de porte baixo à alto e banhados, capinzal alto e denso ora com manchas de arbustos. Em ampla depressão do rio Pessegueiro. Atividade: Pecuária extensiva.

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
31	978	28°24'26"S 50°40'12"W	Estrada para Capão Alto	Bom Jesus	08.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco ralo a baixo com arbustos de porte médio esparsos. Banhado pequeno com denso e alto capinzal entre morros com afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
32	937	28°24'53"S 50°40'19"W	Estrada para Capão Alto	Bom Jesus	08.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo seco ralo a baixo com arbustos de porte médio esparsos. Banhado pequeno com denso e alto capinzal entre morros com afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
33	952	28°25'36"S 50°48'15"W	Fazenda Pegorato	Vacaria	12.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo úmido fragmentado de porte médio. Banhado pequeno com muito arbusto de porte alto. Atividade: Monocultura de soja e pecuária de confinamento.
34	788	28°24'49"S 50°30'12"W	Foz do rio dos Touros	Bom Jesus	21.XI.2006 e 07 a 10.III.2007	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com capinzal de médio a alto porte com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Pequenos córregos e vertentes. Atividade: Pecuária extensiva.
35	855	28°27'56.31"S 50°17'55.50"W	Foz do rio Cerquinha	Bom Jesus	10.XI.2008	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com capinzal alto com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Pequenos córregos e vertentes. Atividade: Pecuária extensiva e plantio de pinus.
36	924	28°26'21"S 50°40'48"W	Estrada para Capão Alto	Bom Jesus	08.XI.2006	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo a baixo com arbustos de porte médio esparsos. Banhado pequeno com denso e alto capinzal entre morros com afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
37	870	28°26'34.31"S 50°41'58.05"W	Nordeste do rio Santana	Bom Jesus	06.X.2007	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco baixo com arbustos baixos e touceiras de capins altas e esparsas. Banhado pequeno com densos e altos capinzais e formações com <i>Sphagnum</i> sp., ciperáceas. Atividade: Pecuária extensiva.
38	889	28°27'08.89"S 50°41'28.00"W	Estrada para Capão Alto	Bom Jesus	23.XII.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco baixo com arbustos e touceiras de porte médio esparsos com afloramentos rochosos. Banhado pequeno com denso e alto capinzal. Atividade: Pecuária extensiva.
39	1025	28°30'09.8"S 50°21'43.0"W	Xaxim-Casa Branca	Bom Jesus	10.XI.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo. Banhado pequeno com denso e alto capinzal e manchas densas de <i>Eryngium</i> sp.
40	987	28°30'04.6"S 50°28'20.0"W	Estrada para Bandeirinhas	Bom Jesus	21.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo. Banhado pequeno com alto capinzal esparsos e <i>Eryngium</i> sp. Degradado pelo pisoteio do gado e parcialmente queimado. Atividade: Pecuária extensiva.
41	900	28°28'19"S 50°42'05"W	Sanga José Luis	Bom Jesus	23.XI.2006, 06.X.2007, 15.V.2008 e 18.IX.2008,	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco baixo com arbustos de porte médio e touceiras altas esparsas. Banhado estreito com denso e alto capinzal, formações de <i>Sphagnum</i> sp. e <i>Eryngium</i> sp. Atividade: Pecuária extensiva.
42	925	28°28'45.83"S 50°42'41.34"W	Fazenda da Ronda	Bom Jesus	08 e 09.XI; 19 e 20.XII.2006, 15.XI.2008 a 15.II.2009	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco baixo com touceiras altas esparsas. Sistema de banhado muito grande formados por denso e alto capinzal com manchas de <i>Sphagnum</i> sp., <i>Eryngium</i> sp. e ciperáceas. Atividade: Pecuária extensiva em 1/2 e na outra monoculturas de olerícolas.
43	923	28°29'17"S 50°43'26"W	Várzea rio Santana	Bom Jesus	08 e 09.XI; 19 e 20.XII.2006, 15.XI.2008 a 15.II.2009	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Fragmentos de campo de porte baixo com arbustos e afloramentos rochosos. Banhado amplo com denso e alto capinzal e formações de <i>Eryngium</i> sp. e ciperáceas. Atividade: Monocultura de olerícolas.
44	877	28°27'49"S 51°01'21"W	Próximo Fazenda da Ramada	Vacaria	23.II.2009	Terreno plano. Relevo suave. Campo úmido degradado e fragmentado com denso e alto capinzal tomado por plantio de pinus recente. Atividade: Pomares e monoculturas de olerícolas.

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
45	940	28°30'55"S 50°47'56"W	Cabeceira Arroio Macena	Vacaria	10.X.2005 e 09 a 19.XI e 02.XII.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campos muito fragmentados e degradados por cultivos antigos. Sistema de banhados com denso e alto capinzal e formações de <i>Eryngium</i> sp. Atividade: monocultura de aveia e pomares recentes de maçã. Açude artificial grande em uma das drenagens de banhado.
46	1156	28°32'20"S 50°04'38"W	Acesso a Silveira	Bom Jesus	13.X.2005	Terreno plano. Relevo suave. Campo ralo com arbustos de porte médio e touceiras altas esparsas. Banhado estreito com capinzal de porte médio pisoteado pelo gado com predomínio de <i>Eryngium</i> sp. Atividade: Pecuária extensiva.
47	1321	28°34'00"S 49°53'60"W	Alojamento UFRGS	São José dos Ausentes	12.X.2005	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo com muitos afloramentos rochosos. Atividade: Pecuária extensiva.
48	1323	28°34'60"S 49°50'00"W	Acesso para o Monte Negro	São José dos Ausentes	12.X.2005	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo com muitos afloramentos rochosos. Banhado pequeno com capins de porte baixo a médio com predomínio de <i>Sphagnum</i> sp. Atividade: Pecuária extensiva.
49	1362	28°35'60"S 49°46'60"W	Monte Negro	São José dos Ausentes	12.X.2005	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo com afloramentos rochosos. Banhado pequeno herbáceas de porte baixo com predomínio de <i>Sphagnum</i> sp. junto a escarpa. Atividade: Pecuária extensiva.
50	1016	28°33'18"S 50°22'50"W	Estrada RS-110	Bom Jesus	22.XI. 2006 e 27.II.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco e úmido de porte baixo a médio e sistema de banhados com <i>Eryngium</i> sp. Atividade: Pecuária extensiva.
51	1052	28°33'59"S 50°27'51"W	Estrada de acesso a Fazenda do Cilha	Bom Jesus	05.III.2007	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco e ralo. Banhado pequeno com capinzal denso de porte médio. Atividade: Pecuária extensiva.
52	1051	28°35'03,8"S 50°22'50,9"W	Estrada RS-110	Bom Jesus	15.XI.2008 e 20.III.2009	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco de porte baixo a médio com afloramentos rochosos. Banhado com formações de <i>Eryngium</i> sp. e arbustos esparsos. Atividade: Pecuária extensiva.
53	999	28°35'26"S 50°24'12"W	Arroio Água Branca	Bom Jesus	10.X.2005	Terreno plano. Relevo acidentado. Campos secos e úmidos de porte baixo a médio com arbustos baixos esparsos e com muitos afloramentos rochosos. Vestígio de fogo. Atividade: Pecuária extensiva.
54	1005	28°35'54"S 50°24'18"W	Arroio Água Branca	Bom Jesus	10.X.2005 e 27.X.2007 a 10.III.2008 e 19.IX.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Mosaico de campos secos baixos com touceiras altas. Campos úmidos de porte médio a alto e sistema de banhados com capinzal denso e alto e diferentes formações de <i>Eryngium</i> sp., <i>Sphagnum</i> sp. e ciperáceas. Nascentes do AAB. Atividade: Pecuária extensiva.
55	1005	28°36'37"S 50°23'5"W	Arroio Água Branca (AAB)	Bom Jesus	10.X.2005 e 27.X.2007 a 10.III.2008 e 19.IX.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Mosaico de campos secos baixos com touceiras de capim alto. Campos úmidos de porte médio a alto e sistema de banhados com capinzal denso e alto e diferentes formações de <i>Eryngium</i> sp., <i>Sphagnum</i> sp. e ciperáceas. Nascentes do AAB. Atividade: Pecuária extensiva.
56	1027	28°39'54"S 50°17'55"W	Acesso a São José dos Ausentes	Bom Jesus	23.XI.2006	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo baixo com touceiras de porte médio. Banhado com predomínio de <i>Eryngium</i> sp. Com evidências de fogo recente. Atividade: Pecuária extensiva.
57	935	28°40'15"S 50°28'20"W	Cachoeira dos Baggio	Bom Jesus	27.II.2008, 16.I.2009 a 06.III.2009	Terreno muito íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com capinzal de médio a alto porte com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Pequenos córregos e vertentes. Atividade: Pecuária extensiva.
58	798	28°40'50"S 51°13'39"W	Fazenda São Nicolau	Ipê	18.II.2009	Terreno plano. Relevo acidentado. Campo úmido fragmentado com touceiras de porte alto predominantemente de <i>Andropogon lateralis</i> . Campo seco arbustivo e com afloramentos rochosos Banhado com denso capinzal e muito arbusto. Grande área de solo exposto. Atividade: Pecuária extensiva.

Número do Ponto	Altitude (m)	Coordenadas Geográficas (WGS 84)	Localidade	Município	Datas ou Períodos	Descrição do ambiente
59	804	28°40'33,70"S 51°05'21,00"W	Guacho	Campestre da Serra	18.XII.2006 e 03.XI.2009	Terreno um pouco íngreme. Relevo muito acidentado. Campo seco com capinzal de médio a alto porte com arbustos esparsos e afloramentos rochosos. Banhado estreito com densos e altos capinzais. Atividade: Pecuária extensiva e cultivos de trigo.
60	850	28°42'07"S 51°04'38"W	Guacho	Campestre da Serra	21.XI.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Pequenos fragmentos de campo baixo com arbustos esparsos e barrancos junto a BR-116. Pequenos córregos em meio ao campo. Atividades: Cultivos de trigo e maçã.
61	844	28°43'35"S 51°14'55"W	Junto a Estrada RS-122	Ipê	01.XI.2006	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Banhado fragmentado com densos capinzais altos e formações homogêneas de ciperáceas junto a RS-122. Atividades: Monoculturas de milho ou trigo.
62	1167	28°47'00"S 50°07'60"W	Acesso para Butiá	São José dos Ausentes	11.X.2005 e 23.XI.2006	Terreno um pouco íngreme. Relevo muito acidentado. Campo úmido com capinzal de porte médio e afloramentos rochosos. Sistema de banhados estreitos com densos e altos capinzais. Atividade: Pecuária extensiva e plantios comerciais de pinus recente.
63	1180	28°46'57"S 49°57'53"W	Cabeceira do rio Camisas	Cambará do Sul	23.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo. Banhado fragmentado com densos capinzais altos e formações de ciperáceas e predomínio de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e cultivos de batata.
64	995	28°44'45"S 50°27'11"W	Tremedal-Boca da Serra	Bom Jesus	27.II.2008	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo baixo com arbustos esparsos. Banhado com densos capinzais altos e formações de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e pequenas lavouras.
65	920	28°54'45"S 50°27'33"W	Estrada Bom Jesus para Canela	Jaquirana	09.XII.2005	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo. Banhado com densos capinzais altos e formações de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva.
66	1003	29°01'47"S 50°26'13"W	Faxinal dos Pelúcios	S. F. de Paula/ Jaquirana	18.IX.2006, 15.V.2007, 18.IX.2008	Terreno um pouco íngreme. Relevo pouco acidentado. Campo seco ralo com afloramentos rochosos e com evidências de fogo recente na vertente para rio Tainhas. Atividades: Pecuária extensiva.
67	1010	29°06'00"S 50°25'60"W	Entre Passo do S e F. dos Pelúcios	São Francisco de Paula	01.XII.2006 e 30.XII.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo. Banhado com densos capinzais de porte médio altos e formações de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e pequenas lavouras.
68	956	29°06'17"S 50°11'37"W	Trevo Tainhas Cambará do Sul	Tainhas	23.XI.2006	Terreno plano. Relevo suave. Fragmento pequeno de campo seco de porte baixo a médio. Banhado com <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e cultivos de aveia.
69	835	29°06'59"S 50°22'04"W	Passo do "S"	São Francisco de Paula	01.XII.2006 e 30.XII.2006	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo com afloramentos rochosos. Banhado estreito com capinzais de porte médio com <i>Eryngium</i> sp. esparsos. Atividades: Pecuária extensiva.
70	977	29°08'12,58"S 50°26'23,17"W	Acesso ao Passo do "S"	São Francisco de Paula	01.XII.2006 e 30.XII.2006	Terreno plano. Relevo pouco acidentado. Campos secos e de porte médio a beira da Estrada. Banhado degradado pelo pisoteio do gado com capins de porte baixo. Atividade: Pecuária extensiva e plantio de pinus recente.
71	989	29°14'31"S 50°28'17"W	Várzea do Cedro	São Francisco de Paula	30.XII.2007	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo fragmentado. Banhado estreito com capinzais de porte médio com manchas de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e cultivos de legumes e batata.
72	901	29°21'59"S 50°25'40"W	Junto a Estrada RS-020	São Francisco de Paula	01.XII.2006 e 22.XI.2008	Terreno plano. Relevo suave. Campo seco ralo com afloramentos rochosos. Banhado estreito com capinzal denso e alto e predomínio de <i>Eryngium</i> sp. Atividades: Pecuária extensiva e lavouras de batata, e repolho.

SC em Fontana *et al.* (2008) decorre de um equívoco na lista.

Crypturellus parvirostris

RS: 42 (1). Seu canto foi ouvido duas vezes na manhã do dia 17 de novembro de 2006. Sua voz vinha de uma capoeira alta à beira de um capão de mata e próximo de uma área de cultivo de trigo. Este tinamídeo era conhecido apenas para o setor noroeste e norte do RS (Belton 1994). Este parece ser o único registro para a região dos CCS.

Anas versicolor

SC: 11 (2a); RS: 25 (par). Documentação F. Um casal foi observado em um pequeno açude em 14/01/2009 na porção gaúcha e em 16 de março de 2009 no mesmo tipo de ambiente no planalto catarinense. Nos CCS havia sido assinalada somente para leste da cidade de Vacaria (Fontana e Mauricio 2002). Ocorre em regiões disjuntas na metade sul do RS (Belton 1994) e é observada no inverno no litoral sul de SC (Rosário 1996). Conta com dois registros recentes para a porção norte do planalto catarinense (Rupp *et al.* 2008b).

Anas flavirostris

SC: 1 (3a), 6 (2), 11 (3par), 19 (7a), 24 (2par). Documentação F. RS: 5 (13a), 25 (10a), 45 (2par), 43(3a). Rotineiramente observada aos casais ou pequenos bandos em corpos d'água nos CCS. Os registros desta espécie foram incluídos neste trabalho para apontar novas localidades para a porção catarinense, onde foi considerada rara por Rosário (1996), o que não parece apropriado na atualidade. Recentemente foi documentada para a região do planalto de SC (Amorim e Piacentini 2006).

Butorides striata

SC: 19 (1a); RS: 35 (1a), 43 (1a), 52 (1a), 54(1a). Os registros ocorreram em córregos entre campos e/ou banhados, sendo o registro para SC de um exemplar pescando na mata ciliar do rio Lava-Tudo. Não mencionada para o planalto sudeste catarinense até então (Rosário 1996). Em território gaúcho foi mencionado pela primeira vez por Bencke e Kindel (1999) para os CCS. As observações de indivíduos predominantemente no início da primavera e final do verão, bem como a ausência de evidências de reprodução, sugerem que tais registros possam ser de espécimes passando durante a migração. O fato da população mais meridional ser considerada como migratória (Belton 1994, Bencke 2001), concorda com esta sugestão.

Bubulcus ibis

SC: 3 (4), 11 (2). Espécie incomum nas porções mais altas dos CCS, foi observada próxima à sede de fazenda e, nas duas oportunidades, estava em atividade de forrageamento em restingas de pastagens plantadas, sempre associadas ao pastoreio do gado. Os registros da espécie para a porção catarinense dos CCS são periféricos às regiões de maiores altitudes (Rosário 1996, Azevedo 2006). A expansão relativamente rápida de sua distribuição, inclusive para o planalto gaúcho, pode ser observada nas publicações de Belton (1984, 1994).

Plegadis chibi, Phimosus infuscatus e Platalea ajaja

P. chibi. RS: 16 (23), 18 (30a), 25 (15a), 45 (3); *P. infuscatus*. RS: 45 (3); *P. ajaja*. SC: 11(1); RS: 25 (1), 45 (1). Estes três tresquiornítídeos foram registrados sempre associados a barramentos artificiais (açudes) ou áreas na qual o campo nativo vem sofrendo notável descaracterização em decorrência da implantação de cultivos agrícolas recentes. *Plegadis chibi* parece ser a espécie que mais se utiliza desses ambientes alterados, já sendo avistados bandos com dezenas de exemplares cruzando o céu na periferia de Vacaria, por exemplo, durante seus movimentos diários de saída e chegada dos dormitórios. Nenhuma das três espécies conta com registro para a área de estudo, embora *P. ajaja* tenha sido assinalada para regiões próximas em SC (Belton 1994, Rosário 1996, Bencke e Kindel 1999).

Ciconia maguari e Mycteria americana

C. maguari. SC: 7 (1j), 13 (2a); RS: 23 (1), 54 (2); *M. americana*. SC: 17 (2a); RS: 25 (3). Documentação F. Estes ciconídeos vêm sendo observados com mais frequência em algumas localidades. A primeira parece reproduzir-se pontualmente na região, pois um jovem ainda com bastante negro na plumagem foi observado sobrevoando a entrada da fazenda Florestal Gateados (Campo Belo do Sul, SC), no mês de novembro. Já *M. americana* parece usar esta região apenas em trânsito quando na migração, tendo em vista que os registros foram feitos apenas nos primeiros dias de novembro. Ambas espécies aparecem em beira de açudes, assim como os tresquiornítídeos mencionados anteriormente. Poucos registros destas espécies foram computados para os CCS (Amorim e Piacentini 2006). O aumento na frequência de registros destas espécies bastante conspícuas pode estar relacionado ao aumento na construção de açudes e barragem dos banhados (drenagens) naturais, outrora densamente vegetados e sem espelho d'água.

Rostrhamus sociabilis

SC: 11 (2j); RS: 45 (15a). Um grupo com mais de uma dezena de indivíduos foi observado, ao longo de dois

anos consecutivos, no ponto mencionado para o RS no final da primavera e no verão. Nesse local foram observados adultos carregando material para construção de ninho e machos praticando exibições aéreas. A barragem em uma das drenagens das nascentes do arroio Macena – Vacaria, RS – proporcionou o afogamento de matas baixas que hoje se resumem a troncos secos sobre a água rasa, os quais são usados como poleiro de caça. Dois indivíduos, com plumagem típica de jovem e presumivelmente em trânsito, foram observados circulando sobre um açude em meados de março no ponto mencionado para SC. Há apenas um registro histórico para Passo Fundo (RS) e não constavam registros para o planalto catarinense (Belton 1994, Rosário 1996).

Circus buffoni

SC: 12 (1a), 9 (1a); RS: 23 (1), 25 (1), 43 (2a), 45 (1a), 55 (2), 60 (1a), 71 (1a). Documentação F. Vem sendo registrado regularmente, pelo menos de setembro a março, em banhados extensos com ocorrência de ciperáceas nos locais aqui apontados para o território gaúcho. Na porção catarinense dos CCS foi observada uma vez em cada ponto em março e outubro, respectivamente. Esse gavião é mencionado por Fontana (1994) para banhados ao norte de São Francisco de Paula e por Fontana e Mauricio (2002) para região de Tainhas (RS). Assim, não constavam registros para a região núcleo dos campos da Coxilha Grande (RS), nem para o planalto sul-catarinense (Belton 1994, Rosário 1996).

Heterospizias meridionalis

SC: 12 (1a), 8 (1a), 9 (1a); RS: 14 (1a), 45 (1a), 54 (1a), 64 (1). Esta espécie vem sendo registrada de forma esporádica em localidades esparsas na região dos CCS. Embora habite áreas abertas e tenha uma distribuição bastante ampla (Sick 1997), nos campos do planalto é menos comum do que nas regiões do litoral sul catarinense e de terras baixas no RS (Belton 1994, Rosário 1996).

Buteo melanoleucus

SC: 17 (par1j), 18 (2a1j), 19 (par1j). Documentação F, G e V. RS: 34 (par e 1j), 41 (1a), 54 (2a), 70 (2a). Esta águia foi registrada com maior frequência nas áreas com campos associados aos locais de terrenos muito inclinados e de relevo acidentado, sobretudo nos vales dos rios Lava-Tudo, dos Touros e Pelotas. A reprodução da espécie foi registrada unicamente em grotões no fundo dos vales destes rios. Encontramos um ninho no centro e sobre a copa de uma araucária em dezembro de 2007, o qual continha um ovo e um filhote já com plumagem bem desenvolvida (Figura 2). O ninho completamente exposto, visto de cima, media mais de um metro de diâmetro. Tratava-se de uma plataforma no formato de um círculo irregular



FIGURA 2: Ninho com filhote e ovo de águia-chilena (*Buteo melanoleucus*) fotografado em dezembro de 2007 (ponto 17), no vale do rio Lava-Tudo, Lages, Santa Catarina.

FIGURE 2: Nest with chick and egg of the Black-chested Buzzard-Eagle (*Buteo melanoleucus*) photographed in December 2007 (point 17), in the valley of Lava-Tudo river, Lages, Santa Catarina State.

com a câmara incubatória aplainada, confeccionado com gravetos espessos que possuíam muitos fragmentos emaranhados de *Usnea* sp. No ano seguinte o mesmo ninho foi reutilizado pela espécie e o filhote criado deixou o ninho na última semana de dezembro. Comportamento de defesa do ninho foi observado quando indivíduos adultos afugentaram *Buteo albicaudatus* e *Caracara plancus* assim que esses entravam num raio de aproximadamente 300 m do mesmo. Observamos também outro casal acompanhado de um filhote exatamente na foz do rio dos Touros. Essa família foi observada por três dias consecutivos no mesmo ponto ao lado de *Sarcoramphus papa*, *Spizaetus ornatus* e *Harpyhaliaetus coronatus*. Referente à alimentação, CER observou um adulto capturando um indivíduo de *Syrigma sibilatrix* e MR presenciou a captura de um indivíduo de *Nothura maculosa*, bem como a investida de um adulto que se lançou em queda livre sobre um grupo de *Theristicus caudatus*. Considerada rara e incomum no sul do Brasil (Belton 1994, Rosário 1996) os registros apresentados preenchem uma lacuna na distribuição da espécie ao longo da fronteira RS/SC nas porções mais altas, confirmando com documentação também a reprodução em território catarinense. O fato de estar sendo registrada com maior frequência nos campos em locais inacessíveis concorda com o descrito por Amorim e Piacentini (2006), podendo esta situação ser uma resposta à intensa descaracterização dos campos nas partes mais planas do planalto, bem como decorrer da perseguição direta pelo homem que costuma abater esta ave de grande porte (Contreras *et al.* 1990, Bencke *et al.* 2003).

Harpyhaliaetus coronatus

SC: 17 (par1j), 18 (par), 27 (par1j), 34 (2a), 35 (1a). Documentação F e V. RS: 18 (1par), 20 (1a), 34

(par), 66 (2a). Documentação F e V. Ainda mais restrita que a espécie anterior aos ambientes de campo associados às matas ciliares nos vales profundos de rios, sobretudo o do Pelotas, baixo rio dos Touros e rio Lava-Tudo. Nestas áreas sua reprodução pode ser constatada através de um ninho encontrado em uma gruta junto à foz do rio dos Touros e de indivíduos muito jovens ainda sob cuidado dos adultos observados em janeiro de 2007, 2008 e 2009 no baixo rio Lava-Tudo. Nesta região ainda observamos que tais aves utilizam regularmente as matas ciliares para pernoitar. No intervalo de uma semana, no mesmo local, um adulto foi visto carregando um lagarto (*Tupinambis merianae*) com mais de um metro de comprimento e um tatu (*Dasypus* sp.) para uma gruta inacessível (ponto 17 – SC). Outro casal foi observado alimentando-se de um tatu (*Dasypus* sp.) no ponto 37 (RS). Atividades diárias de caça, reprodução e defesa de território foram observadas unicamente nos ambientes abertos associados a florestas de galeria dos vales dos rios, corroborando as constatações de Albuquerque *et al.* (2006). Um único registro na localidade de Faxinal dos Pelúcios, na qual dois adultos sobrevoavam alto o campo, refere-se a indivíduos apenas em trânsito no espaço aéreo, comportamento semelhante ao sugerido para outros registros obtidos nos CCS por Barcellos e Accordi (2006). A conservação da águia-cinzenta na região depende principalmente da manutenção de áreas com contínuas formações abertas naturais nos vales do rio Pelotas e seus tributários, pois estas áreas são essenciais aos seus ciclos de vida. Reconhecidamente a espécie necessita de ambientes bem preservados para sobreviver (Baumgarten 2008) e encontra-se sob ameaça de extinção em vários estados brasileiros, países vizinhos e no mundo (Fontana *et al.* 2003, IUCN 2008, Machado *et al.* 2008). Conforme reportado por Albuquerque *et al.* (2006) as perspectivas de perda do seu habitat típico na região estudada são crescentes tendo em vista a especulação de centenas de projetos hidrelétricos e de plantações comerciais de pínus nos campos de encostas dos rios.

Laterallus leucopyrrhus e *Pardirallus sanguinolentus*

Estes dois ralídeos foram encontrados em praticamente todos os pontos onde há áreas com banhados, incluindo aqueles de tamanho diminuto (ver tabelas 1 e 2). Assim, ambas parecem estar distribuídas de forma contínua onde existirem tais ambientes nos CCS. Curiosamente a primeira espécie só foi devidamente mencionada para a região dos campos do planalto gaúcho em Fontana e Mauricio (2002). A segunda não foi citada para o lado catarinense dos CCS (Rosário 1996, Azevedo e Ghinzoni-Jr. 2005, Amorim e Piacentini 2006, Ghinzoni-Jr. e Azevedo 2010), embora considerado de ocorrência em todo planalto do RS (Belton 1994).

Pardirallus nigricans

RS: 46 (2), 57 (2). Os registros aqui apontados para esta espécie se justificam exclusivamente pela ausência de sua menção para a porção mais alta do planalto no nordeste do RS (Belton 1994, Voss *et al.* 1998, Bencke e Kindel 1999). É comum em brejos próximos a matas, o que pode ser evidenciado pela sua distribuição que acompanha as regiões historicamente florestadas no RS (Belton 1994). No planalto foi ouvida em duas oportunidades vocalizando em meio à vegetação arbustiva e com densos capins às margens de riachos em meio ao campo. Conta com dois registros para o planalto sul-catarinense (Rosário 1996).

Gallinago undulata

SC: 12 (2); RS: 25 (2), 28 (-4), 34 (1), 42 (1), 54 (-10), 55 (-7), 62 (4). Documentação F, G e P. A maioria dos registros se deu a partir da constatação de seu canto (voz rouca “ócoó, ocoó, ocoó, ocoó...” precedida e/ou concomitante a um som mecânico chiado – ver Sick [1997]) emitido em vôo no ocaso (geralmente entre 19 h e 21 h) ou num período curto geralmente de 30 min antes do alvorecer. A maior atividade de manifestações sonoras foi observada no mês de janeiro na localidade do arroio Água Branca, Bom Jesus. Nesta localidade, documentamos a reprodução da espécie em duas oportunidades: 23 de janeiro de 2007 através do encontro de um ninho com um ovo (MR), e outro ninho ativo em 08 de janeiro de 2010 com dois ovos (CER). Nas duas ocasiões, o adulto que incubava só deixou o ninho quando quase foi pisoteado pelo observador. Difícil de ser afugentada, apenas em poucas oportunidades a espécie alçou voo quando na presença do observador. Os dois ninhos estavam em campo úmido à beira de um banhado e a cerca de 15 m de distância do campo com solo enxuto. Medidas dos dois ninhos (A e B): diâmetros da câmara incubatória: A) 180 × 180 mm, B) 220 × 140 mm; altura interna: A) 60 mm, B) 55 mm; tamanho dos ovos: A) (n = 1) 52,75 × 38,5 mm, B) (n = 2) 54,45 × 38,5 mm e 56,2 × 36,6 mm; Peso: A) 43 g. Coloração: fundo cor de creme pálido a oliváceo com pintas escuras de diferentes tonalidades e com maior aglomeração no pólo obtuso (Figura 3). O ninho B foi monitorado a cada três dias até o dia 14 de janeiro, onde foi encontrado com evidências claras de predação, sem adultos registrados próximos ao mesmo. Seu comportamento de praticar exibições aéreas seguidas de seu canto se dá em intervalos de horários bem definidos e parece ocorrer ao longo de todo o ano na região. Porém, durante o período em que constatamos a reprodução, uma vocalização característica e distinta, emitida aparentemente pela ave pousada, foi muito freqüente. Tratava-se de um “cacarejo” cadenciado geralmente com mais de dez notas aumentando a freqüência e duração nas notas

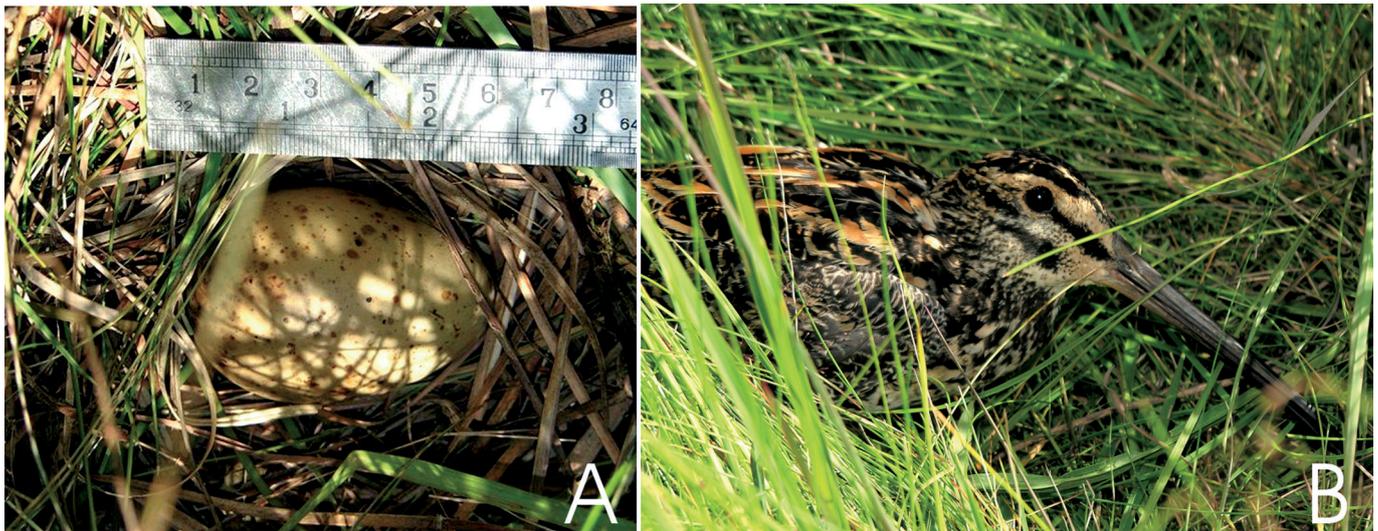


FIGURA 3: Narcejão (*Gallinago undulata*). A. Ninho com ovo; B. Indivíduo adulto. Ambos encontrados em janeiro de 2007 no ponto 54, Bom Jesus, Rio Grande do Sul.

FIGURE 3: Giant Snipe (*Gallinago undulata*). A. Nest with egg; B. Adult. Both recorded in January 2007 at point 54, Bom Jesus, Rio Grande do Sul State.

intermediárias e baixando para o final (*i.e.* “chac, chaac, chaaaaac, chaaaaac, chaac, chaac...”) que eventualmente era emitido já com dia claro (Figura 4). Esta vocalização foi emitida algumas vezes em dueto com diferença explícita no timbre entre os indivíduos. Na região, a presença da espécie está fortemente associada à área de transição do banhado para o campo seco com vegetação muito densa de médio porte, *c.* 50 cm, com predomínio de ciperáceas e juncáceas com talos finos (*e.g.* *Cyperus haspan*, *C. reflexus*, *Pycreus niger* e *Juncus microcephalus*) e por vezes com presença de *Sphagnum* sp. Essa espécie, difícil de ser observada (Belton 1994), não estava devidamente documentada para o Rio Grande do Sul. Na localidade do arroio Água Branca pode ser considerada

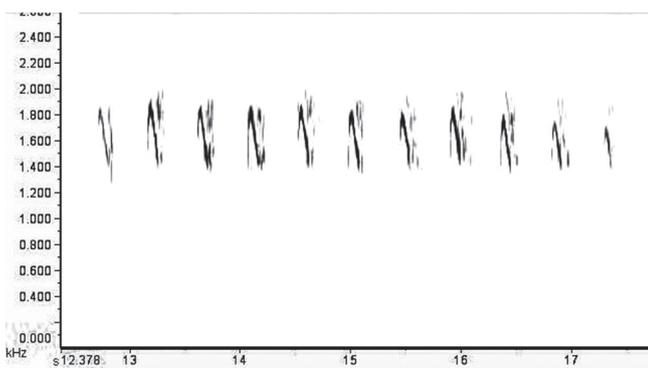


FIGURA 4: Sonograma da vocalização (“cacarejo”) do Narcejão (*Gallinago undulata*) emitida durante período de atividade reprodutiva pela ave pousada. Gravado em 14 de janeiro de 2007 no ponto 54, Bom Jesus, Rio Grande do Sul.

FIGURE 4: Sonogram of the calling (“cackle”) of Giant Snipe (*Gallinago undulata*) emitted by the bird on the ground during the period of reproductive activity. Recorded on January 14, 2007 at point 54, Bom Jesus, Rio Grande do Sul State.

pontualmente numerosa a partir da contagem de vozes simultâneas realizadas durante a noite. Os registros apresentados permitem confirmar uma população reprodutiva durante o verão, corroborando em parte o que foi constatado para o centro do Brasil (Sick 1997) e Uruguai (Devincenzi 1927 *apud* Bencke *et al.* 2003). Sua reprodução é muito pouco conhecida (del Hoyo *et al.* 1996) e, assim como *G. paraguayiae*, suas vocalizações emitidas em voos de exibição ouvidas ao longo de todo ano (Belton 1984, Bencke *et al.* 2003) estariam limitadas à função de demarcação de territórios. A partir das nossas constatações sugerimos que o período efetivo de atividade reprodutiva seria aquele em que as aves emitem frequentemente seus “cacarejos” pousados, de novembro a março nos CCS. Sua situação populacional é pouco conhecida, porém uma retração de seus contingentes nos CCS pode ser assumida, pois constatamos que muitas áreas outrora potenciais para sua ocorrência estão completamente descharacterizadas pelas atividades antrópicas.

Bartramia longicauda

RS: 43 (6), 72 (2). Documentação G. Seis indivíduos foram registrados em 02 de dezembro de 2008 sobrevoando uma resteva de trigo à beira de um banhado na cota de 950 m s.n.m. Rapidamente ganharam altura e sumiram de vista em direção ao sul. Outros dois indivíduos foram registrados forrageando em solos recém arados no município de São Francisco de Paula, em 22 de novembro 2008. Aparentemente, tais registros referem-se a indivíduos em trânsito durante a migração, aproveitando-se de áreas para forragear. A área mais próxima com registro deste migrante neártico corresponde ao município de Gramado, RS (Belton 1994).

Actitis macularius

SC: 19 (1a). Documentação F. Um indivíduo com plumagem de repouso nupcial foi observado forrageando em lajedos rasos do rio Lava-Tudo em 12 de janeiro de 2007. Este é o único registro para o planalto catarinense. O registro para o NE do planalto rio grandense, aparentemente na cabeceira do rio das Antas (Belton 1994), é a localidade mais próxima do registro apresentado.

Tringa melanoleuca

SC: 11 (1); RS: 5(1), 45(1). Indivíduos solitários observados em pequenos alagados em meio aos campos nativos em março e setembro. As datas sugerem a observação de indivíduos em trânsito durante sua migração. No planalto gaúcho foi registrado apenas para áreas do centro do estado (Belton 1994) e em território catarinense apenas na faixa costeira (Rosário 1996).

Tringa solitaria

RS: 5 (2a). Documentação F e P. Dois indivíduos com plumagem nupcial (Marchant 1986) observados diariamente entre 25 de janeiro e 16 de fevereiro de 2009. Estes indivíduos forrageavam durante o dia às margens de um açude artificial, junto a esgotos de pocilgas. Não há menção anterior de sua ocorrência nos CCS (Belton 1994, Rosário 1996) com exceção de uma observação de CSF em 1992 na localidade de Morrinhos em São Francisco de Paula, também no verão.

Columbina squammata

RS: 57(3a). Documentação F. Três indivíduos adultos foram registrados ocupando uma área próxima à sede de uma fazenda em ambiente com árvores esparsas e campo pedregoso. Foram observados nesse local em três oportunidades entre 15 de janeiro e 07 de março de 2009. Sua vocalização foi ouvida apenas uma vez no dia 15 de janeiro. Essa pequena pomba conta apenas com um registro antigo para a região noroeste do RS e um registro recente para Vacaria (Belton 1994, Silva 2006). Continua desconhecida na porção catarinense dos CCS (Rosário 1996).

Myiopsitta monachus

RS: 45 (6a), 23 (3), 25 (2), 43 (3). Pequenos bandos foram registrados e ninhos foram observados em eucaliptos próximos a plantações de milho e pomares de maçã. Na região, produtores já estão percebendo “prejuízos” atribuídos a esta espécie – porém não há estudos. Psitacidae comum na metade sul do RS (Belton 1994), parece ter sua distribuição expandida para os campos altos do planalto associada ao avanço da fronteira agrícola, uma

vez que seus registros são para as áreas mais degradadas pela agricultura. Não se descarta, porém, a possibilidade de introdução de indivíduos procedentes de cativeiro.

Asio flameus

RS: 42(2). Dois indivíduos foram observados pouco antes do ocaso em um extenso banhado com turfa em 13 de fevereiro de 2009. Alçaram vôo de uma área com densa e alta vegetação formada por ciperáceas e gramíneas no centro do banhado. Permaneceram caçando em vôo até o anoitecer. Destacamos que somente após muito esforço de campo nesse local a espécie foi registrada. No RS esta coruja ocorre principalmente nas regiões de terras baixas, de forma esparsa e foi observada também na Estação Ecológica de Aracuri, em Esmeralda, RS (Belton 1994, Kindel 1996, Bencke *et al.* 2003). Pouco se sabe sobre suas populações no extremo sul do Brasil, onde seu contingente populacional parece ser naturalmente reduzido (Bencke *et al.* 2003).

Caprimulgus longirostris e *Hydropsalis torquata*

C. longirostris: SC: 17 (1a), 18 (2a), 19 (par). RS: 18 (2), 21 (1), 34 (1m), 35 (1), 57 (2). *H. torquata*: SC: 19 (2m1f), 28 (1m), 29 (1m). RS: 5 (2m3f), 18 (1m), 34 (par), 39 (1m). Embora sejam espécies com distribuição esperada para a região discriminamos os pontos acima, pois são escassos os registros de ocorrência destas espécies na região dos CCS (Belton 1994, Rosário 1996, Azevedo 2006). A primeira, nos últimos anos, vem se tornando muito comum em cidades dos CCS, sendo os campos com afloramentos rochosos seu habitat natural na região estudada (MR). É ouvida também em centros urbanos do planalto (*e.g.* Vacaria e Cambará do Sul, RS). A segunda espécie está mais associada a campos com arbustos altos e capoeiras.

Eleothreptus anomalus

SC: 18 (par1m). Documentação F. Um casal foi observado forrageando durante o ocaso em 16 de novembro de 2008 e um macho foi observado durante o dia descansando sobre uma pedra em 24 de dezembro de 2008, cedo pela manhã, no mesmo local (Figura 5). Neste segundo registro a ave parecia estar em estado de torpor, pois o observador poderia ter agarrado a mesma com as mãos. Nessa região os registros se limitaram aos locais com capinzal muito denso e alto (cerca de 2 m de altura) em campos secos com afloramentos rochosos. Observada apenas no verão, seu status de ocorrência nos CCS é insuficientemente conhecido, merecendo esforços direcionados de pesquisa na região. A partir destas constatações sua ocorrência seria esperada para ambientes similares observados na porção gaúcha dos CCS (*e.g.* foz



FIGURA 5: Indivíduo macho de capetinha-do-banhado (*Eleothreptus anomalus*) fotografado em 28 de fevereiro no ponto 18, Lages, Santa Catarina.

FIGURE 5: Male of Sickie-winged Nightjar (*Eleothreptus anomalus*) photographed on February 28 at point 18, Lages, Santa Catarina State.

do rio dos Touros ou mesmo em áreas com banhados e campo – como os da localidade do arroio Água Branca). Até então não era mencionada para a região dos CCS, conta com registros em poucas localidades no RS e SC. Neste último estado é mencionada somente em áreas ao norte (próximas à divisa com o Paraná) ou ao sul, em terras baixas litorâneas (Bencke *et al.* 2006, Rupp *et al.* 2007, Rupp *et al.* 2008b). No Paraná sua distribuição é bem conhecida nas regiões mais elevadas do Planalto Meridional (Buzzetti *et al.* 2002, Straube *et al.* 2004, Bencke *et al.* 2006, MR, CSF).

Colibri serrirostris

SC: 1 (1m), 7 (1m), 18 (1m). Documentação G, F e V. RS: 1 (1m), 18 (1m), 42 (3). Documentação G e F. Este beija-flor tem sido registrado pontualmente e de forma esparsa numa faixa de campos ao longo da fronteira RS/SC compreendendo observações apenas na primavera e no verão. Todos os registros foram de machos territoriais observados em pequenos capões de matas baixas ao longo de córregos ou à beira de banhados pequenos. A exceção foi uma observação em 13 de fevereiro de 2009, quando três indivíduos forrageavam em flores de *Siphocampylus verticillatus* (Campanulaceae) dentro de um banhado no ponto 42 (Figura 6). No RS apenas havia sido mencionado por Ruschi (1956) para região metropolitana de Porto Alegre. Intriga o fato de nunca mais ter sido observado nesta região, muito embora ornitólogos experientes tenham amostrado aves ali. Foi retirado da lista de aves sul-riograndense por Bencke (2001), com base em evidentes inconsistências dos dados propostos por A. Ruschi. Em SC conta com registros pontuais para o norte, extremo nordeste e para região litorânea (Rosário 1996, Rupp



FIGURA 6: Beija-flor-de-orelha-violeta, *Colibri serrirostris*, fotografado em 13 de fevereiro de 2009 no ponto 43, Bom Jesus, Rio Grande do Sul (Foto Juan Ignacio Areta).

FIGURE 6: White-vented Violetear, *Colibri serrirostris*, photographed on February 13, 2009, at point 43, Bom Jesus, Rio Grande do Sul State (By Juan Ignacio Areta).

et al. 2008b). Seu status de ocorrência para a região estudada não pode ser definido com exatidão, contudo parece ser naturalmente escasso nos CCS.

Scytalopus iraiensis

SC: 7 (6), 12 (1). Documentação G. RS: 7 (1), 23 (3), 24 (2), 25 (4), 37 (2), 41 (4), 42 (+ de 20), 43 (3). Documentação G. Acreditamos que a região dos pontos 41, 42 e 43 é a que sustenta a maior população atualmente conhecida da espécie nos CCS. Está presente em locais onde seu habitat aparentemente não sofreu alterações em sua estrutura: densos e altos capinzais em terrenos mal drenados que formam uma espessa camada de folhas entrelaçadas de ciperáceas e gramíneas. Invariavelmente nota-se grande acúmulo de folhas mortas de pasto formando uma espécie de “telhado” a cerca de 40 cm sobre o solo. Sob esse “telhado de folhas” o chão do banhado apresenta escassa vegetação rasteira pela pouca presença de luz. Em geral há áreas no solo encharcado recobertas de *Sphagnum* sp. (turfeiras) junto a esses ambientes, conferindo com as descrições minuciosas de Bornschein *et al.* (1998). Nos pontos 23 e 24, onde seu habitat claramente se mostrou bastante fragmentado pela degradação decorrente de práticas antrópicas (pisoteio do gado e implantação de drenagens visando diferentes cultivos), a ocorrência de indivíduos isolados se restringiu a pequenas manchas de habitat cuja estrutura ainda permanecia inalterada. Uma avaliação espacial dos registros apresentados para a porção gaúcha somada ao registro no Parque Nacional de Aparados da Serra (Vasconcelos *et al.* 2008) permite propor que a espécie outrora teria uma distribuição mais contínua ao longo dos banhados da região da Coxilha

Grande. Atualmente, esta seria uma população fragmentada e provavelmente reduzida pela perda ou degradação histórica dos banhados nessa região. No planalto catarinense, embora apresentemos menos registros deste *Scytalopus*, raciocínio similar sobre a sua distribuição original pode ser aplicado para a região dos campos da Coxilha Rica, conjuntamente aos encaves de campo a oeste da BR-116. Destaca-se ainda que, nessa região, áreas com habitat potencial para a espécie foram constatadas e que um esforço maior de trabalhos de campo é necessário para confirmar novas localidades de ocorrência. Das três localidades conhecidas para a espécie no Rio Grande do Sul, uma contempla o planalto NE (Vasconcelos *et al.* 2008). Já no estado de Santa Catarina, somente dois registros são conhecidos, ambos para a porção centro-norte do estado (Corrêa *et al.* 2008, Vasconcelos *et al.* 2008). Portanto, nossos dados aportam uma quantidade relevante de novas localidades de ocorrência de *S. iraiensis*, fornecendo subsídios adicionais para o estabelecimento de estratégias de conservação desta espécie bastante vulnerável à degradação de seu habitat (Bornschein *et al.* 1998, IUCN 2008). Ademais, alertamos que essa é uma espécie que merece um esforço direcionado a fim de se conhecer com mais precisão sua distribuição e situação populacional nessa porção dos planaltos gaúcho e catarinense.

Cinclodes pabsti

SC: 6 (4a), 20 (2a), 21 (1a), 23 (2a), 24 (1a), 29 (1a), 33 (1m); RS: 10 (1), 14 (par), 19 (par), 27 (1), 43 (par), 47 (par), 48 (1), 49 (-6par), 54 (par), 55 (1), 56 (1), 62 (2a), 71 (1), 72 (1a). Documentação F e G. Pássaro endêmico dos campos da Mata Atlântica com distribuição relativamente bem conhecida. Tem a maior parte dos registros para a porção leste dos CCS (Belton 1984, Rosário 1996) e atualmente conta com um registro para os campos da região de Água-Doce (SC) e na Serra do Cipó (MG) (Azevedo 2006, Freitas *et al.* 2008). Pontuar as localidades onde este endemismo brasileiro vem sendo registrado atualmente nos parece de suma importância para entender sua preferência de habitat e padrões de distribuição. Adicionalmente, a partir de registros mais precisos sobre *C. pabsti* será possível monitorar melhor como a espécie vem respondendo às drásticas modificações impostas ao seu habitat, sobretudo pela implantação de plantio comercial de pinus. Lacunas na distribuição da espécie são observadas em alguns setores do Planalto Meridional, onde em muitos locais de campos rochosos mais a oeste – região de Vacaria, Esmeralda, Campo Belo do Sul e até mesmo Lages – há ambientes propícios para sua presença e, no entanto, a espécie não é encontrada nos mesmos. Na porção mais oeste sua frequência é muito menor e os territórios encontram-se bastante espalhados, podendo ser considerada rara, o que corrobora as observações de Belton (1994) e Fontana *et al.* (2009). Observações

sobre sua reprodução na região de Vacaria e Campestre da Serra indicam que a espécie inicia sua reprodução em pleno inverno, período de frio rigoroso e anterior àquele mencionado por Sick (1997). Observamos filhotes já prontos para deixar o ninho em 20 de setembro de 2008. Devido à perda de habitat, vem recebendo mais atenção conservacionista e seu status de conservação passou a ser o de espécie quase ameaçada em nível global (Fontana *et al.* 2008, IUCN 2008).

Limnocittes rectirostris

SC: 4 (2a); RS: 41(1a), 42 (2a), 43 (6a2j), 45 (2a), 46 (2a), 54 (8a2j), 55 (6a), 56 (2), 67 (3a). Documentação F, G e V. Há grande desproporção dos números de registros apresentados aqui entre o território do planalto catarinense e o gaúcho, o que concorda com a literatura (Belton 1994, Ridgely e Tudor 1994, Rosário 1996, Dias 2008). Rara no território catarinense, este seria apenas o segundo registro da espécie para este estado. Dois indivíduos foram observados no ponto 4 (SC), próximo ao único registro publicado (Pacheco e Fonseca 2002). Aparentemente a população que habita o sudeste do planalto catarinense parece ser naturalmente escassa. No Brasil, portanto, as principais populações da espécie estão confinadas ao RS (Bencke *et al.* 2003, Dias 2008). Sua reprodução foi constatada em áreas acima dos 1000 m s.n.m. em meados de outubro, quando um ninho com dois ovos e outro com ninhegos já com penas foram encontrados em gravatazais (Fontana *et al.* 2009). Outro ninho era construído por um par em *Eringium* sp., no meio de um grande banhado, em 02 de dezembro de 2008.

Phacellodomus striaticollis

SC: 2 (2a), 4 (3a), 7 (2par), 9 (2a), 10 (2a), 11 (2par), 12 (1a), 13 (par), 14 (2a), 15 (2a), 17 (2a2j), 18 (3par3j), 19 (par), 20 (par), 21 (1a), 22 (par), 25 (2par), 27 (par), 28 (2a), 29 (par), 31(par), 34 (2a2j), 35 (1a), 36 (par2j); RS: 1 (par), 2 (1a), 5 (par), 8 (par), 13 (3), 17 (1a), 18 (par), 21 (2a), 23 (par), 28 (par2j), 33 (3a), 34 (2par3j), 35 (3par), 37 (par), 39 (1a,2j), 41 (1j), 45 (2par), 54 (2par5j), 57 (3par), 58 (1mj), 59 (1mj), 64 (2), 69 (1a). Documentação F e G. Encontrada regularmente na maioria dos pontos amostrados, sobretudo em Santa Catarina, onde foi observada em associação com densos arbustos em campos secos ou junto a banhados. Surpreendentemente, essa espécie muito conspicua por sua voz é pouco conhecida em SC e não é assinalada para o planalto (Rosário 1996). Este furnarídeo pode ter sido de fato subamostrado ou ignorado na literatura recente (Amorim e Piacentini 2006, Azevedo 2006, Ghinzoni-Jr. e Azevedo 2010). Por não se tratar, em princípio, de uma espécie merecedora de atenção conservacionista, parecem ser menores as oportunidades para divulgar informações

básicas sobre a mesma. Na porção gaúcha dos CCS, por outro lado, a espécie tem distribuição suficientemente conhecida (Belton 1994, Fontana e Mauricio 2002).

Xolmis dominicanus

SC: 2 (par), 3 (par), 5 (par), 6 (par), 7 (par), 10 (2par), 11 (1par), 12 (2par3j), 13 (1m1f), 16 (par), 20 (par), 21 (par), 23 (par), 24 (par), 25 (par), 26 (1f), 31 (par), 33 (1a); RS: 7 (2a2j), 14 (par), 22 (par), 23 (2par), 25 (3par), 28 (2par), 29 (2par), 31 (2par), 32 (2par), 41 (2par), 42 (~5par), 43 (~4par), 45 (2par), 46 (par), 48 (1), 50 (par), 51 (par), 54 (5par), 55 (4par), 56 (par), 59 (par), 62 (2par), 63 (par), 67 (2par), 71 (par), 72 (1par2j). Documentação F, G, V e N. Uma das espécies mais conspícuas destes campos e cuja distribuição é satisfatoriamente conhecida nos CCS, sobretudo nos campos planálticos em torno de São Francisco de Paula e no extremo sudeste do planalto catarinense (Rosário 1996, Bencke *et al.* 2003). Ameaçada devido à expansão desordenada das monoculturas agrícolas e da silvicultura de pinus em larga escala sobre seu habitat, consideramos conveniente a apresentação das localidades com registros atuais e recorrentes. Isto poderá possibilitar avaliações mais consistentes sobre suas tendências populacionais futuramente.

Xolmis irupero

RS: 40 (1). Documentação F. Um indivíduo foi observado pousado em um fio de transmissão de energia elétrica em 05 de março de 2007 próximo à sede de uma fazenda em Bom Jesus. Embora considerada comum na metade sul do RS e ao longo do litoral gaúcho

e sul-catarinense, a espécie nunca fora mencionada para a região dos CCS, sendo o registro mais próximo para o município de Taquara, na subida da serra, a 30 km de São Francisco de Paula (CSF). Parece ocorrer de forma ocasional na região.

Pyrocephalus rubinus

RS: 50 (1m). Em 20 de março de 2009 um macho nitidamente em trânsito acompanhava uma agregação com dezenas de *Tyrannus melancholicus* e *T. savanna*. Este é o segundo registro da espécie para a região dos CCS somando-se àqueles de Fontana (1994) para o município de São Francisco de Paula.

Polystictus pectoralis

SC: 17 (3m2f), 18 (6m5f5j), 19 (2m2f), 34 (1m), 35 (1m). Documentação: F, G, V, N e P. RS: 34 (1m). Encontrado exclusivamente em campos secos com capinzais com 1,60-1,80 m de altura (*e.g.* *Sacharum angustifolium*, *Andropogon* spp.) e arbustos esparsos dos gêneros *Myrcia*, *Eupatorium* e *Vernonia*. Este tipo de ambiente é naturalmente associado ao fundo dos vales e são utilizados para pecuária extensiva. O primeiro registro foi de um macho capturado em rede neblina no ponto 19, em janeiro de 2007. Posteriormente adultos foram observados em atividade de reprodução no mesmo local. Nos pontos 17 e 18 determinamos pelo menos oito territórios distintos por meio de observações de machos adultos em vôos de exibição e localizamos seis ninhos ao longo de duas temporadas reprodutivas (Figura 7). Dois registros de machos, também em atividade de vôos de exibição ocorreram em localidades mais próximas à foz do

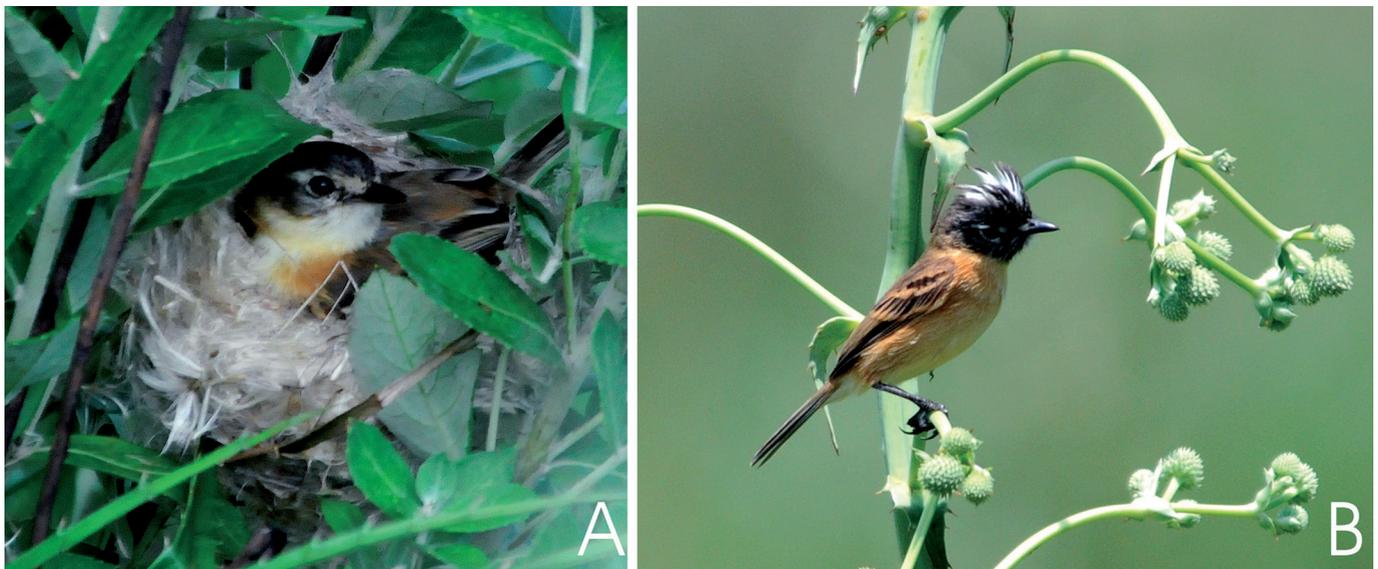


FIGURA 7: Papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*). A. Fêmea incubando; B. Macho. Ambos fotografados no ponto 18, Lages, Santa Catarina.
FIGURE 7: Bearded Tachuri (*Polystictus pectoralis*). A. Female incubating; B. Male. Both photographed at point 18, Lages, Santa Catarina State.

rio Lava-Tudo no mesmo vale das observações anteriores. Com o mesmo comportamento, um terceiro macho foi constatado no lado gaúcho da fronteira. Machos são observados com maior frequência no período que vai do início de novembro até meados de fevereiro quando realizam seus vôos de exibição aéreos. Num período muito mais breve, compreendido entre dezembro e a metade de janeiro, os machos territoriais apresentam as exibições pousados da seguinte maneira: a cada manifestação sonora, repetida várias vezes, eles se projetam para frente como se fossem voar, mas permanecendo agarrados ao poleiro. Este é o período em que se mostram mais conspícuos e agressivos. Os registros da espécie vão de 03 de novembro a 20 de março. Essa espécie até então não era conhecida para SC e tampouco para os campos da porção mais alta do RS. Estas constatações apenas preenchem uma lacuna no conhecimento acerca da distribuição deste diminuto papa-moscas, pois existem registros para o estado do Paraná, ao norte (Straube *et al.* 2004, Bornschein e Reinert *in litt.* 2009) e Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (Belton 1994, Ridgely e Tudor 1994, Krügel *et al.* 2008, Repenning e Fontana 2008, Rocha 2008) mais ao sul. Ainda não havia sido encontrado em expedições anteriores para esta região, pois aparentemente as áreas com seu habitat específico não haviam sido visitadas (Fontana e Mauricio 2002, Fontana *et al.* 2003, Fontana *et al.* 2009). O habitat ao qual a espécie está associada tem uma fisionomia campestre muito singular restrita a altitudes abaixo de 950 m s.n.m., nesta região. Um aspecto que deve ser esclarecido é se essa população reprodutiva permanece nesses locais o ano todo ou trata-se de uma população migratória. Em observações durante a metade de abril e outra em setembro a espécie não foi registrada nos mesmos locais, entretanto isso pode estar relacionado à pequena amostragem somada à inconspicuidade da espécie no período não reprodutivo. Segundo observações de M. Bornschein e B. Reinert (*in litt.* 2009), a espécie pode ser provável migrante de inverno na região dos Campos Gerais do Paraná, sugerindo a possibilidade de migração para o norte de espécimes que deixariam o sul do Planalto Meridional no outono/inverno. Observações recentes, nos primeiros dias de setembro, de indivíduos aparentemente vagantes na região do Triângulo Mineiro (MG) seriam mais uma evidência deste aspecto (MR, CSF, Dimas Pioli, Gustavo Bernardino, *obs. pess.* 2009).

Culicivora caudacuta

SC: 12 (2a), 15 (1a), 18 (par2j). Documentação F, G, V e N. RS: 5 (par), 11 (par), 15 (1a), 21 (par), 22 (2a), 23 (1par), 24 (1a), 25 (2a3j), 28 (2a3j), 30 (par), 37 (par), 41 (par), 42 (3par), 43 (2a3j, 3par), 45 (2a1n), 52 (2a), 54 (6par), 55 (4par), 57 (2par3j), 59 (par). Documentação F, G e N. Registrada pela primeira vez na região dos CCS em 05 de novembro de 2006 no ponto 23.

Passou a ser registrada regularmente em muitos pontos ao longo dos campos da Coxilha Grande e somente em novembro de 2008 foi anotada para os campos do planalto catarinense. Na região habita campos com predomínio de capinzais (*e.g. Andropogon lateralis* – Poaceae e *Eleocharis* sp. e *Rynchospora* spp. – Cyperaceae), de porte alto, geralmente associados a banhados. Em poucas oportunidades foi registrada utilizando campos arbustivos. A constatação de reprodução em várias localidades distantes (11 ninhos encontrados – Figura 8) e os registros em fins de abril e setembro evidenciam a existência de uma população residente e bem distribuída nos campos da Coxilha Grande. Assim como a espécie anterior, não era conhecida para a região nordeste do RS e tampouco mencionada para SC. Os dados procedentes do RS e posteriormente SC confirmam uma população mais numerosa e com uma distribuição comparativamente bastante mais ampla que a de *P. pectoralis*, talvez em virtude da maior disponibilidade de seu habitat preferencial nessa região. Os registros apresentados também complementam o conhecimento da distribuição desta espécie mais bem conhecida no Planalto Meridional para localidades pontuais dos Campos Gerais do Paraná (Straube *et al.* 2004). Esta população recém descoberta se mostra frequente em alguns pontos específicos e parece ser a mais numerosa do RS. A espécie enquadra-se na categoria de Criticamente em Perigo de Extinção nesse estado numa avaliação feita baseada em poucas informações (Fontana *et al.* 2003) e poderá ser mais bem avaliada à luz de novas informações (Rovedder *et al.* 2007). Já em SC parece ser mais rara, entretanto são



FIGURA 8: Indivíduo de papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*) entregando alimento a um ninhego. Fotografado em 20 de novembro de 2006 no ponto 45, Vacaria, Rio Grande do Sul.
FIGURE 8: Sharp-tailed Tyrant (*Culicivora caudacuta*) delivered food to nestlings. Photographed on November 20, 2006 at point 45, Vacaria, Rio Grande do Sul State.

recomendados esforços direcionados à procura da espécie para se avaliar sua condição populacional e seu status de conservação. Como as demais aves especialistas de campo de SC, seguramente esta espécie enfrenta problemas de conservação, decorrentes da supressão rápida de seu habitat.

Petrochelidon pyrrhonota

SC: 12 (-150); RS: 7 (-500), 13 (+ 2 mil), 25 (-100), 28 (nc), 42 (+ mil), 55 (+ 100). Documentação F, G, V. Na região dos CCS tem sido observada diariamente desde 02 de novembro até o último registro em 07 de abril. Formam bandos grandes monoespecíficos e permanecem forrageando geralmente entre as 9 h e 17 h sobre os banhados ou campos nativos, nas áreas mais altas ao longo da Coxilha Grande – em Bom Jesus e Vacaria. Dois dormitórios com milhares de indivíduos foram estabelecidos no meio de grandes monoculturas de milho. Estes dormitórios foram observados entre meados de fevereiro e fins de março. Durante esse período tais agregações dessas andorinhas permaneciam até a metade da manhã e, em intervalos de tempo constante, alçavam vôo em círculo e tornavam a pousar na vegetação em seguida. O comportamento descrito parecia caracterizar uma preparação pré-migratória. Em nossas observações nunca as vimos junto com *Hirundo rustica*, conforme apontado por Belton (1994), esta última bem mais rara na área estudada.

Anthus nattereri

SC: 6 (3m), 9 (2m), 11 (1a), 12 (2a); RS: 14 (1), 23 (3m), 28 (7m), 29 (2), 30 (3), 31 (1m), 32 (1m), 38 (1m), 41 (3m), 42 (1m), 46 (3m), 53 (-5m), 54 (-10m), 55 (-6m). Documentação F e G. Encontrado pontualmente onde seu habitat apresenta estrutura e fitofisionomia constantes ou seja, campos em terrenos altos com relva densa e de porte baixo (~10-20 cm) a médio (entre 30-60 cm), ambientes geralmente destinados a pecuária extensiva. Em localidades como os pontos 28 e 54 (RS) pode ser considerada comum, pois são áreas que apresentam continuidade de campos propícios para a ocorrência deste caminheiro. De forma escassa pode ocorrer em algumas porções de campos fragmentados. A grande maioria dos registros ocorreu nos meses de outubro e novembro quando praticam vôos de exibição com frequência. Os dados apresentados vêm complementar informações de distribuição para este *Anthus* no nordeste do RS e notadamente aportar várias novas localidades para a porção do planalto catarinense, uma vez que constava apenas um registro da espécie publicado para este estado (Rosário 1996, Pacheco e Fonseca 2002). Podemos considerar que se trata de uma espécie comum e por vezes até numerosa em locais muito pontuais na região estudada. Esta última

consideração atribui a esta população um papel chave na conservação global desta espécie tão ameaçada pela degradação dos campos (Bencke *et al.* 2006, IUCN 2008). Sua presença em campos com vestígio de fogo recente foi incomum nos CCS.

Emberizoides herbicola

RS: 5 (2a) Observada em uma única oportunidade em 19 de dezembro de 2005. Espécimes ocupavam campos secos e rochosos com muitos arbustos altos. Como esta área foi monitorada durante duas temporadas reprodutivas e a ave não foi mais registrada, presumimos que os espécimes observados eram indivíduos vagantes. Sua congênera *E. ypiranganus* é espécie com ocorrência regular nesta região, tanto em banhados quanto em campos arbustivos com capinzais altos e densos em terrenos secos. Belton (1994) menciona a ocorrência de *E. herbicola* como ocasional no nordeste do RS somente até 52°W.

Sporophila aff. plumbea

SC: 17 (4par), 18 (-6par), 19 (2par2m), 22 (2par), 28 (2m), 34 (3m), 35 (1m), 36 (1par2m); RS: 1 (par), 2 (2m), 5 (5par), 8 (3par), 17 (1mj), 18 (2par), 21 (2m), 35 (2par), 34 (2par2m), 57 (3par), 58 (1mj), 59 (1mj). Documentação F, G, V, N e P. As várias localidades apresentadas revelam o quanto esta espécie vinha sendo submostrada nessa porção do Planalto Meridional Brasileiro. Acredita-se que isso decorra da dificuldade de acesso às áreas onde essa espécie vive, além da forma esparsa e fragmentada da distribuição de seu habitat típico. E ainda por subsistir em baixas densidades, não sendo uma espécie numerosa em localidade alguma. Ocupa invariavelmente campos secos com arbustos altos em terrenos muito íngremes e de relevo acidentado, geralmente nos vales dos grandes rios. Este habitat difere bastante daqueles ambientes descritos por Belton (1994) e complementarmente especulados em Bencke *et al.* (2003). Mencionada apenas para uma localidade no RS (Belton 1994) foi também incluída na avifauna catarinense, embora sem uma discriminação exata da região de sua ocorrência nem mesmo evidência documental (Rosário 1996, Sick 1997). As datas limites de registros nos CCS vão de 20 de outubro a 20 de março. Toda a população migra após a reprodução, que foi assinalada em todos os pontos mencionados. A situação de ameaça da população meridional, incluindo aqui os Campos Gerais no planalto Paranaense, é muito preocupante, pois além de estar perdendo seu habitat rapidamente pela expansão de plantios de pinus e eucaliptos, sofre intensa pressão de captura para abastecer o comércio ilegal. Sobre sua situação taxonômica e conservação, ver Fontana *et al.* (2008).

Sporophila bouvreuil pileata

SC: 12 (1m), 16 (1m); RS: 25 (par), 33 (1m), 56 (2m), 58 (4m2f2j). Documentação F. Este caboclinho foi registrado principalmente no limite sudoeste da área estudada nas regiões de altitudes menores (700-800 m s.n.m.) onde teve ocorrência mais regular. Sempre observado ocupando banhados com vegetação densa formada predominantemente por ciperáceas e gramíneas altas e marcada presença de arbustos esparsos. Os registros para áreas onde ocorrem tipicamente *Sporophila hypoxantha* ou *S. melanogaster* entre 900 e 1000 m s.n.m. permitem inferir (pelas datas e comportamentos) que os indivíduos observados eram migrantes. Os registros para SC de machos solitários em novembro e março reforçam bem essa proposição. Evidências de reprodução foram observadas somente numa faixa pequena do município de Ipê e a sudoeste de Campestre da Serra onde se mostra mais freqüente. Este pode ser considerado o caboclinho menos comum e conhecido nos CCS e foi assinalado pela primeira vez nessa região por Fontana e Mauricio (2002), para Vacaria (RS). No sul do Brasil tem sido registrado mais comumente para a região do planalto médio e parte da Campanha gaúcha chegando ao Uruguai, seu limite sul de distribuição (Bencke *et al.* 2003, Rocha 2006). Não constava sua ocorrência para SC (Rosário 1996, Sick 1997).

Sporophila cf. cinnamomea

RS: 17 (1m). Um único macho com padrão e tons de plumagem semelhantes às de um típico macho de *S. cinnamomea* (boina cinza, dorso e ventre castanho muito escuro) foi observado forrageando numa mancha de campo em novembro de 2006. Entretanto, o indivíduo não vocalizou e logo abandonou a área em vôo muito alto. O registro deste espécime assumido como *S. cinnamomea* por Repenning *et al.* (2007) seria de um indivíduo vagante (em trânsito) nesta região, uma vez que nunca mais foi visto nos CCS um espécime com tais características. O aprimoramento do conhecimento sobre as variações na plumagem na população de *S. hypoxantha* não nos permite descartar também a possibilidade deste espécime representar uma variação muito rara dentre as variadas formas de plumagem que vem sendo constatadas na população dessa segunda espécie nos CCS (MR *obs. pess.*, ver *S. cf. hypochroma* em Fontana *et al.* 2008).

Sporophila hypoxantha

SC: 3 (3m), 7 (1par1a), 17 (3par), 18 (-15par), 19 (3par), 27 (2m), 28 (2m), 34 (2m), 36 (1m); RS: 3 (1m), 6 (1m), 9 (2m), 11 (4m), 12 (2m), 13 (1m), 15 (2m), 16 (2m), 18 (2par2m), 21 (4m), 22 (4m), 24 (3m), 25 (4m), 26 (3m), 27 (4m), 28 (1par5m), 29 (2par), 30 (5m), 31

(par), 32 (1m), 36 (1m), 35 (1par), 42 (2), 57 (par), 59 (2par1m). Documentação F, G, V, N e P. Este caboclinho foi observado ocupando tanto beira de banhados quanto campos secos, estes últimos com uma estrutura e composição arbustiva muito peculiares (arbustos esparsos e de porte baixo a médio *c.* 70 cm *e.g.* *Vernonia* spp., *Eupatorium* spp. e *Baccharis* spp.) e marcados pela presença de *Eryngium horridum*. Estabelecem territórios em ambos os ambientes, podendo algumas vezes ocorrer em sintopia com *S. plumbea* e *S. caerulescens*, limitando-se a terrenos abaixo da cota dos 1000 m s.n.m. Registramos a sua reprodução em quase todos os pontos mencionados e as datas extremas de sua presença nos CCS vão de 03 de novembro a 07 de abril. Das espécies congêneres que ocorrem na região e se encontram ameaçadas de extinção (Fontana *et al.* 2003) *S. hypoxantha* pode em algumas localidades ser considerada a espécie mais numerosa, como no ponto 18, em SC. Contudo, sua situação de conservação é tão dramática quanto a das demais, porque notavelmente vem perdendo áreas importantes de reprodução e sofre intensa pressão de captura (Fontana *et al.* 2008). Em relação ao que se conhecia sobre sua distribuição, aportamos muitas localidades novas de sua ocorrência nos CCS, especialmente no RS, onde era insuficientemente conhecida (Bencke *et al.* 2003).

Sporophila melanogaster

SC: 4 (2par2m), 5 (1m), 10 (2m), 11 (1m), 13 (1m), 15 (par), 16 (1m), 18 (5par2m), 20 (1m), 21 (par1m), 23 (2m), 25 (1m), 29 (1m), 30 (1m), 32 (2m), 33 (1m); RS: 23 (1par4m), 25 (1par4m), 26 (1m), 38 (par1m), 39 (2par), 40 (1m), 41 (2par2m), 42 (12par), 43 (-10 par), 44 (1), 45 (3m), 50 (1m), 51 (par), 52 (4m3f), 54 (18par), 55 (16par), 56 (2m), 57 (2m), 62 (1m), 63 (1par1m), 64 (1m), 65 (1mj), 67 (2m), 68 (6m2f), 69(1par), 70 (1m), 71 (1m), 72 (1m). Documentação F, G, V, N e P. A grande diversidade de pontos mencionada para esta espécie decorre de sua distribuição mais ampla nos CCS principalmente por que sua ocorrência se estende ao núcleo de campos ao sul do rio das Antas, diferentemente das espécies congêneres anteriores. Todavia, pode ser considerada pontualmente esparsa, pois está desaparecendo de áreas nas quais seu habitat sofre forte descaracterização. Ao contrário de *S. hypoxantha*, seus territórios encontram-se fortemente associados aos banhados com ciperáceas e *Eryngium pandanifolium*, sobretudo nos terrenos mais planos acima dos 1000 m s.n.m. Registrada mais comumente a leste da BR-116 em áreas núcleo dos campos do planalto (*e.g.* Coxilha Rica, leste da Coxilha Grande, Campos de São Francisco de Paula e Cambará do Sul), tem sua distribuição satisfatoriamente compreendida na escala regional dos CCS em virtude de ocorrer em áreas mais acessíveis, portanto sendo mais conspícua em relação as outras congêneres na região. A compilação

recente de dados buscando avaliar sua situação de ameaça (Bencke *et al.* 2003) contribuiu muito para agregar as informações sobre sua distribuição. As datas extremas de sua presença nos CCS vão de 05 de novembro a 20 de março. Sua situação populacional e de conservação parece equivalente à de *S. hypoxantha* nos CCS. De modo similar, pode ser numerosa pontualmente, todavia sofre com a perda de seu habitat e pressão de captura. Numa escala global sua conservação merece atenção especial, pois se trata de uma espécie endêmica do Brasil e se enquadra como ameaçada de extinção em três dos estados onde ocorre: MG, PR, e RS (Machado *et al.* 2008).

Paroaria coronata

RS: 23 (2a). Observamos pela primeira vez nesta região dois indivíduos, provavelmente um casal, num potreiro de gado junto à sede de uma fazenda em Vacaria. O proprietário nos informou que a espécie tinha sido observada por ele pela primeira vez havia dois anos e que aqueles dois indivíduos já tinham procriado no local. Ele nos comunicou ainda que um empresário fez uma soltura deliberada de aproximadamente vinte casais desta espécie a fim de “embelezar” as cercanias da empresa situada no distrito industrial de Vacaria. Trata-se, portanto, de um caso típico de introdução de uma espécie não autóctone numa região. É uma espécie típica do bioma Pampa comum nos campos da metade sul do RS (Belton 1994).

Chrysomus ruficapillus

RS. 45 (~40). Dezenas de indivíduos foram observados em vegetação arbustiva junto a um banhado fragmentado por um açude artificial e cultivos de aveia nos arredores. Adultos forrageavam na vegetação flutuante à beira desse açude e uma fêmea foi observada carregando material para construção do ninho. Este icterídeo até então havia sido mencionado somente para as terras baixas do território gaúcho (Belton 1994) podendo estes registros sinalizar uma colonização recente motivada pela caracterização de áreas naturais.

Xanthopsar flavus

SC: 2 (5), 5 (5), 10 (7, 2cr-35), 24 (4a), 25 (7a); RS: 7 (~320), 14 (cr-20), 23 (10), 25 (3cr-30), 28 (4cr-35), 30 (1cr-20), 32 (cr-25), 36 (4), 41 (2cr-15), 42 (3cr-40), 43 (4cr-20), 45 (1cr-50), 46 (13a) 54 (4cr-40), 55 (3cr-50), 59 (2cr-50), 66 (70), 67 (9a), 72 (~25a). Documentação F, G e V. Além da contribuição acerca da distribuição desta espécie no âmbito regional, informações referentes à contagem de colônias reprodutivas podem ter grande relevância na busca de estratégias para sua conservação. Pouco se conhece sobre seus hábitos de reprodução em colônias (Fontana 1994, Fonseca *et al.* 2004).

O período destinado à reprodução desta espécie ficou limitado a novembro e dezembro, sendo que em alguns locais (*e.g.* localidade de Guacho, do arroio Água Branca e sanga José Luis) observamos o completo desaparecimento da espécie ou diminuição brusca em seus contingentes já em janeiro. Constatamos também que no banhado onde reproduziam (ponto 59) em dezembro de 2006, o qual foi inteiramente queimado no fim do inverno de 2007, *X. flavus* não foi mais observado nas temporadas reprodutivas seguintes. O grande bando assinalado no ponto 7 em fins de fevereiro talvez represente o maior bando já observado desta espécie, na ocasião sendo composto por 50% de indivíduos com plumagem de jovens. Atualmente já não é comum registrar bandos numerosos deste icterídeo, sendo que a formação de grandes bandos pode decorrer da aglutinação de diferentes colônias reprodutivas após procriarem. A constatação de diversas colônias reprodutivas e de bandos numerosos torna a população dos CCS merecedora de grande atenção conservacionista, pois, comparativamente a outros dados disponíveis, é a maior população conhecida desta espécie (Fraga *et al.* 1998, Dias e Mauricio 2002, Bencke *et al.* 2003).

CONCLUSÕES

Mesmo em ambientes abertos, onde teoricamente as aves são facilmente detectadas, e em especial no sul do Brasil, onde essas paisagens são abundantes, muita informação biológica básica e de grande relevância permanece incipiente. O volume de informações inéditas apresentadas neste trabalho sobre diferentes aspectos da avifauna de ambientes abertos de uma porção do extremo sul do país ilustra essa constatação. Essas informações geram novas perspectivas de investigação sobre a história natural das espécies da região, mostrando a necessidade de atenção para aspectos relacionados à sua conservação ou expansão populacional.

O acúmulo de dados ao longo de vários anos consecutivos permite observar padrões de difícil detecção em períodos curtos de tempo. Um exemplo disso é a segregação espacial e/ou ecológica observada nas três espécies de caboclinhos (*i.e.* *Sporophila hypoxantha*, *S. melanogaster* e *S. bouvreuil pileata*) que ocorrem regularmente na região. Até o presente estudo tínhamos a sugestão de Sick (1997) de que tais espécies coabitavam os mesmos locais no sul do Planalto Meridional Brasileiro no verão. Entretanto, é notável a existência de um padrão diferenciado de distribuição espacial e preferências no uso de habitat entre populações reprodutivas dessas três espécies nos CCS. Este tema continuará sendo investigado para obtenção de mais informações.

Sem pretensões de serem definitivos, os resultados apresentados podem contribuir para o acompanhamento dos padrões de colonização e extinção local de aves nesta

porção do Planalto Meridional. Ademais, poderão servir de subsídios em futuras avaliações acerca da situação de conservação de muitas espécies campestres, principalmente nos dois estados estudados. De forma equivalente, podem ainda embasar estudos acadêmicos e avaliações de impacto ambiental praticadas na região, pois muitos empreendimentos *a priori* impactantes estão projetados exatamente para algumas das áreas que foram mencionadas aqui.

À medida que mais esforços de campo forem destinados à investigação dessas aves, gradativamente será aprimorado o conhecimento ornitológico nos CCS, pois a cada nova saída a campo nesta extraordinária região dos estados de SC e RS são obtidos registros relevantes sobre a biologia de diversas espécies.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos às inúmeras pessoas e aos colegas que trabalharam nos projetos nos CCS ou nos acompanharam em saídas a campo, alguns co-autores de registros das aves: Ismael Franz, Úrsula Brasil Rasquin, Mariana Lopes Gonçalves, Jonas Rosoni, Dimas Pioli, Gustavo Bernardino e Juan Ignacio Areta. Aos coordenadores de alguns dos projetos pela confiança depositada em nossa equipe: Ilsi I. Boldrini, Êmerson Oliveira e Georgina Bond Buckup. A Cristian M. Joenck e aos dois revisores anônimos pela leitura crítica e considerações ao manuscrito. As entidades financiadoras Fundação O Boticário de Proteção à Natureza (FBPN), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Natural Grassland Conservancy (NGC). Ao ICMBio e CEMAVE, pelas permissões de coleta e anilhamento, respectivamente. Mais do que agradecidos, dedicamos esse trabalho aos proprietários de terra que permitiram nosso ingresso em suas terras e que nos concederam de forma irrestrita estadia em suas propriedades: Joaquim e Nair Goulart, Antonio e Ivonete Goulart (São Joaquim), Roberto Ivan Penz (Bom Jesus), Angelo Pegoraro, Leonorino e Iracélia Oliboni (Vacaria), Aldo Pinheiro e Adão Huff (Bom Jesus). E aos amigos Sérgio e Petronília Cardoso pela hospitalidade com que fomos sempre recebidos em Vacaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, J. L. B.; Ghizoni-Jr., I. R.; Silva, E. S.; Trannini, G.; Franz, I.; Barcellos, A.; Hassdenteufel, C. B.; Arend, F. L. e Martins-Ferreira, C. (2006). Águia-cinzenta (*Harpyhaliaetus coronatus*) e o gavião-real-falso (*Morphnus guianensis*) em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: prioridades e desafios para sua conservação. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:411-415.
- Amorim, J. F. e Piacentini V. Q. (2006). Novos registros de aves raras para Santa Catarina, sul do Brasil, incluindo os primeiros registros documentados de algumas espécies para o Estado. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:145-149.
- Azevedo, M. A. G. (2006). Contribuição de estudos para licenciamento ambiental ao conhecimento da avifauna de Santa Catarina, Sul do Brasil. *Biotemas*, 19(1):93-106
- Azevedo, M. A. G. e Ghizoni-Jr., I. V. (2005). Novos registros de aves para o estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Atualidades Ornitológicas*, 126:9-12.
- Barcellos, A. e Accordi, I. A. (2006). New records of the Crowned Eagle, *Harpyhaliaetus coronatus*, in the State of Rio Grande do Sul, southern Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:345-349.
- Barnett, J. M.; Minns, J.; Kirwan, G. M. e Remold, H. (2004). Informações adicionais sobre as aves dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. *Ararajuba*, 12:55-58.
- Baumgarten, L. (2008). *Harpyhaliaetus coronatus*, p. 424-425. Em: Machado, A. B. M.; Drummond, G. M. e Paglia, A. P. (orgs.). *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
- Bege, L. A. R. e Marterer, B. T. P. (1991). *Conservação da região sul do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: FATMA.
- Belton, W. (1984). Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Pt. 1. Rheiidae through Furnariidae. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, 178(4):369-636.
- Belton, W. (1994). *Aves do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Bencke, G. A. (2001). *Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FZBRS. (Publicações Avulsas FZB, 10).
- Bencke, G. A. e Kindel, A. (1999). Bird counts along an altitudinal gradient in Atlantic forest in northeastern Rio Grande do Sul, Brasil. *Ararajuba*, 7(2):91-107.
- Bencke, G. A.; Fontana, C. S.; Dias, R. A., Maurício, G. N. e Mähler Jr., J. K. F. (2003). Aves, p. 189-479. Em: Fontana, C. S.; Bencke, G. A. e Reis, R. E. (orgs.). *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Bencke, G. A.; Maurício, G. N.; Develey, P. F. e Goerck, J. M. (Orgs.). (2006). *Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil – Parte I: estados do domínio Mata Atlântica*. São Paulo: SAVE Brasil.
- Bornschein, M. R.; Pichorim, M. e Reinert, B. L. (1994). Novos registros de algumas aves incomuns no sul do Brasil, p. 114. Em: Resumos do XX Congresso Brasileiro de Zoologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bornschein, M. R.; Reinert, B. L. e Pichorim, M. (1997). Notas sobre algumas aves novas ou pouco conhecidas no sul do Brasil. *Ararajuba*, 5(1):53-59.
- Bornschein, M. R.; Reinert, B. L. e Pichorim, M. (1998). Descrição, ecologia e conservação de um novo *Scytalopus* (Rhinoecryptidae) do sul do Brasil, com comentários sobre a morfologia da família. *Ararajuba*, 6(1):3-36.
- Buzzetti, D. R. C.; Uejima, A. M. K. e Gatto, C. A. F. R. (2002). Novos dados sobre a ecologia e morfologia de *Eleothreptus anomalus* (Caprimulgidae) no Parque Estadual de Vila Velha, Paraná. p. 64-65. Em: X Congresso Brasileiro de Ornitologia. *Resumos...* Ceará.
- CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. (2009). *Listas das aves do Brasil*. Versão 09/08/2009. Disponível em www.cbro.org.br. Acesso em: 10/09/2009.
- Contreras, J. R.; Berry, L. M.; Contreras, A. O.; Bertonatti, C. C. e Utges, E. E. (1990). Atlas ornitogeográfico de la Provincia del Chaco – República Argentina: I No Passeriformes, Capítulo Corrientes. Buenos Aires, Fundación Vida Silvestre Argentina (Cuadernos Técnicos Félix azara, 1)
- Corrêa, L.; Bazílio, S.; Woldan, D. e Boesing, A. L. (2008). Avifauna da Floresta Nacional de Três Barras (Santa Catarina, Brasil). *Atualidades Ornitológicas*, 143:38-41.
- Del Hoyo, J.; Elliot, A. e Sargatal, J. A. (eds.). (1996). *A Handbook of the Birds of the World*, v. 3. Hoatzin to Auks. Barcelona: Lynx Edicions.
- Dias, R. A. (2008). *Limnoctites rectirostris*, p. 570-571. Em: Machado, A. B. M.; Drummond, G. M. e Paglia, A. P. (orgs.). *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
- Dias, R. A. e Maurício, G. N. (2002). Natural history notes and conservation of a Saffron-cowled Blackbird *Xanthopsar flavus* population in the southern coastal plain of Rio Grande do Sul, Brazil. *Bird Conserv. Intern.*, 12:255-268.

- Fonseca, V. S. da S.; Petry, M. V. e Fonseca, F. L. S. (2004).** A new breeding colony of the Saffron-cowled Blackbird (*Xanthopsar flavus*) in Rio Grande do Sul, Brazil. *Ornit. Neotrop.*, 15:133-137.
- Fontana, C. S. (1994).** História natural de *Heteroxolmis dominicana* (Vieillot, 1823) (Aves, Tyrannidae) com ênfase na relação ecológica com *Xanthopsar flavus* (Gmelin, 1788) (Aves, Icteridae) no nordeste do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Fontana, C. S. e Maurício, G. N. (2002).** Diagnóstico preliminar da avifauna no Planalto das Araucárias, Rio Grande do Sul: distribuição e status de conservação, cap. IV, p. 369-420. Em: Subsídios para o diagnóstico ambiental do Planalto das Araucárias. Relatório final à FAPERGS.
- Fontana, C. S.; Bencke, G. A. e Reis, R. E. (2003).** *Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fontana, C. S.; Repenning, M. e Rovedder, C. E. (2009).** Fauna Terrestre: Aves, p. 159-208. Em: Ilsi Boldrini (org.) Biodiversidade do Planalto das Araucárias. Brasília: MMA.
- Fontana, C. S.; Rovedder, C. E.; Repenning, M. e Gonçalves, M. L. (2008).** Estado atual do conhecimento e conservação da avifauna dos Campos de Cima da Serra do sul do Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16(4):281-307.
- Fraga, R. M.; Casañas, H. e Pugnali, G. (1998).** Natural history and conservation of the endangered Saffron-cowled Blackbird *Xanthopsar flavus* in Argentina. *Bird Conserv. Intern.*, 8:255-267.
- Freitas, G. H. S.; Costa, L. M.; Ferreira, J. D. e Rodrigues, M. (2008).** The range of Long-tailed Cinclodes *Cinclodes pabsti* extends to Minas Gerais (Brazil). *Bull. Brit. Ornit. Club*, 128:215-216.
- IUCN. (2008).** Red List of Threatened Species. www.iucnredlist.org. (accessed 11 Jan 2009).
- Joenck, C. M. (2006).** Observações de *Spizaetus tyrannus* (Accipitridae) no Centro de Pesquisa e Conservação Pró-Mata (CPCN Pró-Mata) no Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:427-428.
- Kindel, A. (1996).** Aves da Estação Ecológica de Aracuri e arredores, RS, p. 47. Em: V Congresso Brasileiro de Ornitologia. Resumos... Campinas.
- Machado, A. B. M.; Drummond, G. M. e Paglia, A. P. (2008).** *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas.
- Marchant, J. (1986).** *Shorebirds: an identification guide to the waders of the world*. Charadriiformes 1. London. Royal Smeets. 412p.
- Maurício, G. N. e Dias, R. A. (1996).** Novos registros e extensão de distribuição de aves palustres e costeiras no litoral sul do Rio Grande do Sul. *Anarajuba*, 4(1):47-51.
- Maurício, G. N. e Dias, R. A. (1998).** Range extensions and new record for forest birds in southern Rio Grande do Sul, Brazil. *Bull. Brit. Ornit. Club*, 118(1):14-25.
- Mendonça-Lima, A.; Zílio, F.; Joenck, C. M. e Barcellos, A. (2006).** Novos registros de *Spizaetus ornatus* (Accipitridae) no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:279-282.
- Naka, L. N.; Barnett, J. M.; Kirwan, G. M.; Tobias, J. A. e Azevedo, M. A. G. (2000).** New and noteworthy bird records from Santa Catarina state, Brazil. *Bull. Brit. Ornit. Club*, 120:237-250.
- Oliveira, J. F. de. (1959).** Rainha do Planalto; Caxias do Sul. Ed. São Miguel, 264p.
- Pacheco, J. F. e Fonseca, P. S. M. (2002).** Resultado de excursão ornitológica a determinadas áreas dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em janeiro de 1990. *Atualidades Ornitológicas*, 106:3-5.
- Repenning, M. e Fontana, C. S. (2008).** Novos registros de aves raras e/ou ameaçadas de extinção na Campanha do sudoeste do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16:58-63.
- Repenning, M.; Rovedder, C. E. e Fontana, C. S. (2007).** Distribuição e biologia das espécies do Gênero *Sporophila* nos Campos de Cima da Serra, RS e SC, Brasil, p. 151. Em: XV Congresso Brasileiro de Ornitologia. Resumos... Porto Alegre.
- Ridgely, R. S. e Tudor, G. (1994).** *The birds of South America, The Suboscines Passerines* v. 2. Austin: University of Texas Press.
- Rocha, G. (2006).** *Aves del Uruguay, El país de los Pájaros Pintados*. Montevideo. Editora: Banda Oriental, v. 2. 143p.
- Rocha, G. (2008).** *Aves del Uruguay, El país de los Pájaros Pintados*. Montevideo. Editora: Banda Oriental, v. 3. 135p.
- Rosário, L. A. do. (1996).** *As aves em Santa Catarina – Distribuição geográfica e meio ambiente*. Florianópolis: Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente – FATMA.
- Rovedder, C. E.; Repenning, M. e Fontana, C. S. (2007).** Novos registros de ocorrência do papa-moscas-do-campo *Culicivora caudacuta* (Tyrannidae) para o estado do Rio Grande do Sul, Brasil, p. 151. Em: XV Congresso Brasileiro de Ornitologia. Resumos... Porto Alegre.
- Rupp, A. E.; Fink, D.; Thom-e-Silva, G.; Zermiani, M.; Laps, R. R. e Zimmermann, C. E. (2007).** Registros de Caprimulgiformes e a primeira ocorrência de *Caprimulgus sericocaudatus* (bacurau-rabo-de-seda) no Estado de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 15:605-608.
- Rupp, A. E.; Fink, D.; Thom-e-Silva, G.; Zermiani, M.; Laps, R. R. e Zimmermann, C. E. (2008a).** Novas espécies de aves para o Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas*, 21:165-169.
- Rupp, A. E.; Thom-e-Silva, G.; Laps, R. R. e Zimmermann, C. E. (2008b).** Registros relevantes de aves campestres e aquáticas no Planalto Norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 16:369-372.
- Ruschi, A. (1956).** A trochilofauna de Porto Alegre e arredores. *Bol. Mus. Biol. Prof. Mello-Leitão, sér. Biol.*, 18:1-9.
- Sick, H. (1997).** *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, G. H. da; Costa, L. M.; Ferreira, J. D. e Rodrigues, M. (2008).** Registro de *Cinclodes pabsti* para a serra do Cipó, Minas Gerais, p. 390. Em: XVI Congresso Brasileiro de Ornitologia. Resumos... Palmas.
- Silva, R. R. V. da. (2006).** Primeiro registro documentado de *Columbina squammata* (Columbidae) para o Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14:151-152.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. e Kajiwara, D. (2004).** Aves, p. 143-496. Em: S. B. Mikich e Bérnils, R. S. Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná.
- Trópicos. (2009).** www.botanicus.org/NameSearch.aspx (accessed 15 Jul 2009).
- Vasconcelos, M. F.; Maurício, G. N.; Kirwan, G. M. e Silveira, L. F. (2008).** Range extension for Marsh Tapaculo *Scytalopus iratiensis* to the highlands of Minas Gerais, Brazil, with an overview of the species' distribution. *Bull. Brit. Ornit. Club*, 128:101-106.
- Voss, W. A.; Petry, M. V. e Sander, M. (1998).** *Aves do Parque Nacional de Aparados da Serra: lista preliminar*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.